

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Talita Maria da Silva

**BLOGS: NOVOS ESPAÇOS PARA A ESCRITA
LITERÁRIA**

Passo Fundo

2011

Talita Maria da Silva

**BLOGS: NOVOS ESPAÇOS PARA A ESCRITA
LITERÁRIA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras – Estudos Literários, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras – Estudos Literários, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Tania M. K. Rösing.

Passo Fundo

2011

Para meus pais, porque por detrás destas linhas também há muito do esforço deles.

Agradeço a Deus e a N. S. de Fátima, alento espiritual nas horas difíceis e de fraqueza.

A meus pais – Alcibiades Nunes da Silva e Terezinha Jair Lopes da Silva – por despertarem em mim o gosto pela Literatura, mas, principalmente, pelo seu grande amor e apoio em todas as horas.

À família Silveira, por me “adotar” e acolher como filha em sua casa e, em especial, a grande amiga-irmã Mariane Rocha Silveira, pela sincera amizade, pelo constante incentivo e pelos momentos e conhecimentos compartilhados.

Ao meu irmão Jorge Paulo dos Santos, pelas muitas vezes que deixou seu próprio trabalho para levar-me a Passo Fundo cuidar das atividades do mestrado e, através dele, aos demais familiares – irmãos, sobrinhos, tios e primos – pela torcida e compreensão nas vezes em que estive afastada de seu convívio para estudar.

À minha orientadora, Prof. Dr^a Tania M. K. Rösing pela paciência e pelo muito que me ensinou desde as primeiras aulas até as últimas orientações.

Ao Prof. Dr. Miguel Rettenmaier pelo incentivo aos primeiros passos ainda na graduação com o trabalho de iniciação científica.

Aos queridos colegas, pela oportunidade de crescer através das muitas experiências trocadas e pela amizade construída.

Aos amigos que souberam compreender a pouca atenção que lhes dediquei durante esse tempo de intensos estudos e aos que preferiram se afastar, conhecer as pessoas também é uma forma de aprendizado.

“O que faz a força de uma literatura é a sua inevitabilidade”.

Alceu Amoroso Lima

RESUMO

O estudo investigativo que se desenvolve a seguir teve como objetivo principal analisar a presença da escrita literária em um novo espaço textual proveniente das inovações tecnológicas das últimas décadas, os blogs. Para tanto foi realizado, inicialmente, com base em pesquisa bibliográfica, um levantamento histórico das transformações ocorridas nas práticas de leitura e escrita ao longo dos tempos. Parte-se, portanto, da era dos manuscritos, passando pelo surgimento do impresso, a popularização dos mesmos no século XX – com o advento da cultura de massa – e chegando, por fim, ao momento atual marcado pelo uso dos suportes digitais nos quais se encontram os blogs, foco principal dessa investigação.

Em seguida, o estudo, apoiado em observações realizadas pela pesquisadora nos próprios blogs e nas considerações de teóricos como Hugh Hewitt, volta-se para a análise de alguns desses espaços textuais virtuais e para a apresentação das principais características dos mesmos, bem como de seus mais evidentes atrativos aqui chamados de pontos de encantamento do leitor. Ainda com base em observações feitas em blogs, a parte final desse estudo analisa três blogs, cujos conteúdos publicados possuem – conforme definições do crítico literário Carlos Reis – marcas de literariedade que permitem que os mesmos sejam considerados Blogs Literários. Ao final do terceiro e último capítulo, há o apontamento dos blogs como espaços de um possível letramento literário, e, ainda, o posicionamento de dois dos blogueiros cujos blogs foram analisados nessa pesquisa, a respeito da importância desses espaços para a escrita literária e para a formação de leitores literários.

Palavras-chave: leitura, escrita, literatura, blogs.

RESUMEN

El estudio de investigación que se desarrolla a continuación tuvo como principal objetivo analizar la presencia de la escritura literaria en un nuevo espacio textual proveniente de las innovaciones tecnológicas de las últimas décadas, los blogs. Por lo tanto, se llevó, en principio, sobre la base de una pesquisa bibliográfica, un estudio histórico de los cambios en las prácticas de lectura y escritura a través del tiempo. El texto empieza, por lo tanto, por la edad de los manuscritos, relata la llegada de la escritura a los soportes impresos, la popularización de los mismos en el siglo XX – con el surgimiento de la cultura de masas – y presenta, por fin, el momento actual marcado por el uso de medios digitales donde están los blogs, foco más importante de esta investigación.

En la sequência, el estudio – con base en observaciones realizadas por la investigadora en blogs y en estudios de teóricos como de Hugh Hewitt – presenta las principales características de los blogs y sus más evidentes atractivos, los cuales son nombrados en este estudio como puntos de encantamiento del lector. Todavía, con base en las observaciones de los blogs, la parte final de este estudio analiza tres blogs, cuyos contenidos publicados, tienen – de acuerdo con los conceptos del crítico literario Carlos Reis – marcas de literariedade que les confieren el título de Blogs Literarios. Al final del tercer y último capítulo, hay apuntes sobre el potencial de los blogs como espacios incentivadores de la lectura literaria, y, aún, el posicionamiento de dos blogueros cuyos blogs fueran analizados en esa pesquisa, sobre la importancia de esos espacios para la escrita literaria y la formación de lectores literarios.

Palabras clave: lectura, escritura, literatura y blogs.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Reprodução de um livro manuscrito de 1378, escrito em Latim.....	16
Figura 2 – Imagem dos caracteres móveis usados na antiga prensa de Gutenberg	18
Figura 3 – Imagem da prensa de Gutenberg	18
Figura 4 – Imagem da página inicial do site “Blogger”.....	34
Figura 5 – Imagem do blog “Blog da Cosacnaify”	38
Figura 6 – Imagem do blog “Papeles Perdidos”.....	40
Figura 7 – Imagem detalhada do blog “Papeles Perdidos”	40
Figura 8 – Imagem do <i>link</i> “RSS Feed“	41
Figura 9 – Imagem do blog “Bombou na web”	44
Figura 10 – Imagem do blog “Vida no campo”	45
Figura 11 – Imagem da página de comentários do blog “Cadernos de Vidro”	47
Figura 12 – Imagem do blog “Língua Afiada”	53
Figura 13 – Imagem do blog “Carpinejar”	55
Figura 14 – Imagem do blog “Blog da Ali”	58
Figura 15 – Imagem do blog “Frankamente”	59
Figura 16 – Imagem do blog “Poesia alheia”	60
Figura 17 – Imagem do blog “Turma da Mônica Jovem”	63
Figura 18 – Imagem do blog “Turma da Mônica Jovem”.....	64
Figura 19 – Imagem do blog “Dobras da Leitura”	65
Figura 20 – Imagem do blog “Espaço Rosana Rios”	68
Figura 21 – Imagem do blog “Bloglog”	69

Figura 22 – Imagem da página de blogs da Zero Hora	70
Figura 23 – Imagem do blog “Doce de Lira”	83
Figura 24 – Imagem detalhada do blog “Doce de Lira”	84
Figura 25 – Imagem detalhada do blog “Doce de Lira”	84
Figura 26 – Imagem detalhada do blog “Doce de Lira”	87
Figura 27 – Imagem do blog “Doce de Lira”	98
Figura 28 – Imagem do blog “Penates”	104
Figura 29 – Imagem do blog “73 leitores”	116
Figura 30 – Imagem detalhada do blog “73 leitores”	118
Figura 31 – Imagem do blog “73 subempregos”	119
Figura 32 – Imagem detalhada do blog “73 leitores”	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 DE ALGUÉM PARA ALGUÉM: TEXTO E MÍDIA, DO MANUSCRITO AO HIPERTEXTO	15
1.1 De poucos para poucos: a cultura escrita na era do manuscrito	16
1.2 De poucos para muitos: a produção textual para as massas	20
1.3 De muitos para muitos: a chegada dos textos aos suportes digitais	24
2 BLOG: PRÁTICA INSTANTÂNEA E INTERATIVA DE LEITURA E ESCRITA.....	32
2.1 Elementos de composição	36
2.1.1 Links	37
2.1.2 Postagens.....	42
2.1.3 Comentários	47
2.2 Principais pontos de encantamento.....	50
2.2.1 Popularização do conceito de autoria	50
2.2.2 Espaços de coletividade	54
2.2.3 Envolvimento pessoal	57
2.2.4 Múltiplas semioses	61
2.2.5 Relevância na mídia	67
3 BLOG LITERÁRIO: PRÁTICA ARTÍSTICA DE LEITURA E ESCRITA.....	73

3.1 Características do texto literário.....	75
3.2 Manifestações da literatura nos blog	80
3.2.1 Blog “Doce de Lira”, de Renata Aragão Lopes	81
3.2.2 Blog “Penates”, de Tiago Moralles	103
3.2.3 Blog “73 leitores”, de Índigo	114
3.3 Blogs: espaços de um novo letramento literário	130
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	142
ANEXOS	148

INTRODUÇÃO

Ilimitada, labiríntica, desafiadora, assim é a Biblioteca de Babel imaginada por Borges na primeira metade do século XX que, talvez por coincidência ou por uma apurada intuição do autor, empresta suas características a um novo fenômeno do universo virtual: a blogosfera. Nesta, as infinitas galerias não são compostas por livros, mas por blogs, espaços na internet que são grandes disseminadores de textos em várias linguagens, formatos e idiomas. Não há um centro na blogosfera, apenas caminhos formados pelos mais variados tipos de textos interligados por links que se ramificam e se entrecruzam. Não há barreiras, o universo dos blogs expande-se vertiginosamente e a todo instante surgem novos textos, novos blogs, todos disponíveis ao singelo gesto de um clique.

Os responsáveis pela efervescência desse universo são seres que podem ser definidos em uma única palavra: leitores. Ou talvez em duas: leitores e escritores. Os blogueiros são sujeitos que se valem das ferramentas propiciadas pela internet para criarem espaços pessoais de produção e leitura de textos, nos quais eles são livres para construir as imensas galerias dessa verdadeira babel chamada blogosfera. Quem se aventura por seus labirínticos caminhos pode encontrar toda a sorte de assunto, desde os mais exóticos aos mais corriqueiros, dos triviais aos rebuscados, dos funcionais às artes; todos marcados pela subjetividade de sujeitos que não deixam de depositar em seus textos sentimentos, opiniões pessoais e desejos...

Arte da palavra e expressão mais íntima do humano, também a literatura encontrou nos blogs um ambiente profícuo de produção e disseminação, embora, para muitas pessoas, especialmente para os mais conservadores, ela ainda esteja muito vinculada ao suporte impresso. Isso porque, nas galerias da blogosfera, o literário, em decorrência das modernas

ferramentas disponíveis nos meios digitais, ganha características que acabam suscitando questionamentos sobre a validade artística e estética dos chamados blogs literários, principal foco do estudo que se desenvolve nos próximos capítulos.

Entretanto, por ser um fenômeno recente, a literatura e mesmo as formas de leitura e escrita desenvolvida nos blogs, ainda requerem análises mais profundas que levem à compreensão das particularidades e do papel desse novo espaço da cultura escrita e da literatura, justificando-se, pois, dessa forma, o desenvolvimento desta pesquisa que visa suprir, pelo menos em partes, a carência de respostas e julgamentos teóricos sobre o assunto. Para tanto, este trabalho se encontra norteado pelos seguintes questionamentos: Como foi o processo evolutivo da leitura, da escrita e da literatura até a chegada dos textos aos suportes digitais? O que são, efetivamente, os blogs e porque eles encantam tanto os leitores? Qual a relevância dos blogs na atualidade como disseminadores de manifestações literárias na internet? Quais são os elementos de aproximação e os de afastamento entre a leitura e a literatura do meio impresso e a dos blogs? O conteúdo publicado nos blogs ditos literários realmente pode ser considerado arte literária quando se harmonizam com os critérios teóricos que definem literariedade?

A busca por tais respostas resultou na presente pesquisa, que tem como objetivo principal analisar a literariedade dos distintos gêneros desenvolvidos nos blogs como espaços de escrita literária e, como objetivos específicos, compreender as evoluções que possibilitaram que a arte da escrita chegasse às telas; e, apresentar a possível contribuição dos blogs para a formação do letramento literário.

O estudo, assim, encontra-se organizado em três capítulos. O primeiro, intitulado “De alguém para alguém: texto e mídia, do manuscrito ao hipertexto”, apresenta um resgate da história da leitura desde o surgimento do códex manuscrito, na Idade Média, até o advento da informática e dos textos virtuais no século XXI. Para tanto, são usados os pressupostos teóricos de Chartier (1999 e 2007), Becker (1970) e Abreu (1999), no que concerne aos estudos da história da leitura no período do surgimento do livro e no início da produção industrial dos mesmos. Além destes, a pesquisa conta com a contribuição das idéias defendidas por Santaella (2004), que avalia a mudança no perfil dos leitores ao longo do tempo, além de, juntamente com os estudos de Sodré (1988) embasar teoricamente o surgimento da chamada cultura de massa. Para analisar as novas circunstâncias de leitura influenciadas pelas mídias digitais do século XXI, são usadas as pesquisas de Lévy (1996 e 1999), Veen e Wraeking (2009), Xavier (2007 e 2009), e novamente Santaella (2004 e 2005) e Chartier (1998 e 2007).

Os mesmos teóricos, somados a Hewitt (1999) e Rettenmaier (2009), são novamente considerados quando, no segundo capítulo, “Blog: prática instantânea e interativa de escrita”, ocorre a apresentação do blog como espaço de leitura e escrita, ressaltando suas principais características estruturais e os principais pontos de encantamento dos leitores. Contribuem, ainda, para isso, Marcuschi (2004) e Komesu (2004) que avaliam, respectivamente, os blogs como um novo gênero de leitura e quanto às marcas pessoais deixadas nos mesmos.

O terceiro capítulo, chamado “Blog literário: prática artística de leitura e escrita”, é dedicado à análise de alguns desses espaços através da comparação dos conceitos tradicionais de literatura apresentados por Carlos Reis, com as formas e manifestações textuais encontradas nos blogs. De acordo com o referido autor, a literariedade de um texto resulta, principalmente, das particularidades linguísticas utilizadas, as quais lhe conferem um caráter estético que os diferem dos demais textos cuja essência é funcional e comunicativa. Sendo assim, tanto o autor quanto o leitor de textos literário esperam esse diferencial e estão dispostos a explorarem tais particularidades que, resumidamente, consistem em “jogos discursivos” construídos sobre a ficcionalidade, os sentidos figurativos, as ambiguidades e os variados recursos inerentes ao contexto de escrita literária. Quando na blogosfera, o “jogo” pode ganhar novos elementos que se somam aos aspectos tradicionais dos textos literários, como se verá no referido capítulo.

Ao final do mesmo, ainda, apresenta-se a opinião dos blogueiros Tiago Moralles e Renata de Aragão Lopes, criadores dos blogs “Penates” e “Doce de Lira”, respectivamente, a respeito de sua percepção quanto à literariedade e a importância desses blogs como fomentadores de práticas de leitura. Na parte final deste capítulo há, ainda, uma pequena reflexão sobre o possível potencial dos blogs como fomentadores do letramento literário, a qual se encontra sustentada teoricamente pelos estudos de Rildo Cosson e Regina Zilberman.

Nas considerações finais busca-se comentar os resultados obtidos através da observação e análise dos blogs, apontando os traços tradicionais e os contemporâneos da arte literária desenvolvida nesses espaços, bem como comentar o possível potencial dos blogs para o desenvolvimento do letramento literário.

Metodologicamente, este estudo estrutura-se como pesquisa bibliográfica das obras dos referidos autores e, ainda, na parte final do mesmo, na *netnografia*, método originado da etnografia, mas que, diferentemente da mesma, aporta-se na observação das atividades socioculturais de grupos que se relacionam através dos meios digitais de comunicação. Tal método pode abranger a observação das movimentações fenomenológicas ocorridas nesses espaços e, também, a interação entre pesquisador e pesquisado, a qual se dá, em geral,

mediada pelo computador. No caso dessa pesquisa, a investigação netnográfica se deu por meio de um questionário composto por quatro perguntas, o qual foi enviado pela pesquisadora aos donos dos blogs analisados a fim de serem respondidos e devolvidos, passando a constituir o subcapítulo final dessa investigação. O uso de tal procedimento junto aos sujeitos envolvidos com a blogosfera e suas ações visou descobrir se a opinião dos mesmos coincide com paradigmas estabelecidos pelos padrões formais aos quais se costuma vincular a arte da palavra e, também, como entender a relação dos leitores com as formas de leitura, escrita e literatura apresentada pelos blogs.

“Blogs: novos espaços para a escrita literária”, portanto, é um olhar sobre a arte literária quando no meio virtual da blogosfera – conjunto de blogs disponíveis na web – circunstância que tende a se tornar cada vez mais recorrente e que requer, ainda, muitos outros estudos investigativos. O presente trabalho contribui com as discussões já existentes sobre o potencial dos blogs como fomentadores do aprimoramento da leitura, da escrita e do letramento literário, e pode, ainda, ser ampliado e aprofundado em novas propostas.

1 DE ALGUÉM PARA ALGUÉM: TEXTO E MÍDIA, DO MANUSCRITO AO HIPERTEXTO

Olhar para trás e perceber a longa trajetória da humanidade para alcançar a competência e a conseqüente liberdade para ler, escrever e divulgar textos deve ser o primeiro gesto a ser feito quando se busca compreender o quão revolucionário é o momento da leitura e da escrita no século XXI. Entre deixar as escuras masmorras dos mosteiros onde os livros eram guardados e chegar à luminosidade das telas nas quais os textos estão disponíveis a qualquer leitor, a atividade da leitura e da escrita passou por momentos cruciais até alcançar a popularização que ora existe. Da mesma forma, também a Literatura, máxima expressão artística da palavra e reflexo da cultura e da linguagem vigentes em cada época, modificou-se, passando a ocupar novos espaços e a contemplar outros estilos e temáticas ao longo de uma história de constantes transformações.

Em busca, portanto, do entendimento desse percurso histórico e evolutivo dos atos de ler e escrever, das manifestações artísticas que deles resultam e, também, do perfil dos sujeitos que com estes se relacionam, apresenta-se, a seguir, um sucinto resgate das revoluções ocorridas na cultura letrada, o qual se encontra dividido em três partes: a primeira refere-se ao período em que o manuscrito era o principal suporte de leitura e escrita e ao aparecimento dos primeiros impressos; a segunda parte abrange o espaço de tempo em que ocorre a verdadeira disseminação do livro impresso e o aparecimento de uma cultura de massa, possibilitada pelas descobertas da Revolução Industrial e pelo profícuo momento das mídias em meados do século XX; e, por fim, a terceira parte trata mais detidamente das

revoluções tecnológicas que, embora iniciadas duas décadas antes, afetaram intensamente a cultura escrita no século XXI possibilitando a larga disseminação de textos por meios dos suportes digitais, bem como a criação de circunstâncias inéditas de leitura, escrita e literatura, como é o caso dos blogs, principal foco de análise dessa pesquisa.

1.1 De poucos para poucos: cultura escrita na era do manuscrito

A história da escrita e da leitura, embora tenha iniciado muito antes, está fortemente associada a uma ocasião específica: o surgimento do livro como suporte para a cultura letrada, no início da Era Cristã. O formato “constituído por folhetos e páginas em uma mesma encadernação” (CHARTIER, 2007, p. 202) substituiu, aos poucos, e depois definitivamente, o rolo – suporte que requeria ações muito mais trabalhosas para o manuseio – firmando-se, assim, como principal suporte textual.

Os primeiros livros, que circularam durante todo o período conhecido como Idade Média (séc. V a XV d.C), desconheciam a materialidade do papel e seus parcos exemplares, verdadeiras obras de arte, eram confeccionadas em pergaminho e adornadas com atentada caligrafia manuscrita. Considerados objetos sagrados, eles foram, por muito tempo, mantidos longe dos olhos de pessoas que não possuíam o privilégio de pertencer à nobreza ou aos altos círculos eclesiásticos.

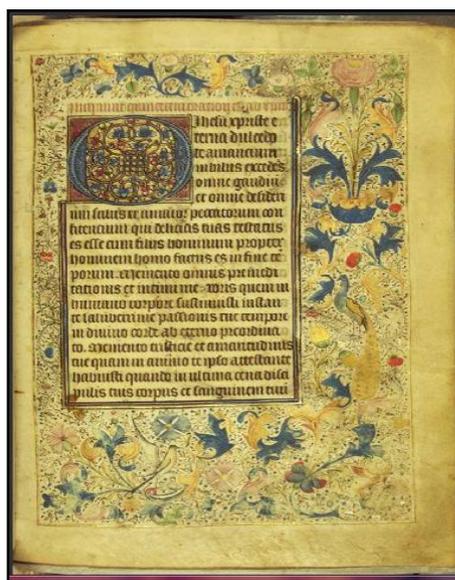


Figura 1 – Reprodução de manuscrito do ano 1378, escrito em Latim, confeccionado em pergaminho e com detalhes em ouro. Obra original pertencente à Fundação Biblioteca Nacional. Imagem digital disponível no site da Biblioteca Nacional Digital do Brasil (<http://bndigital.bn.br>).

O contato do povo com a cultura escrita acontecia, basicamente, em leituras públicas, nas quais os poucos alfabetizados expunham aos demais as palavras conservadas nesse objeto até então muito pouco revelado. O largo tempo empregado para a cópia e produção, bem como o valor e a escassez dos materiais que antecederam o papel, constituíram-se em fatores que concorreram diretamente para a pouca circulação dos livros entre os menos abastados, pessoas em sua maioria analfabetas.

A produção literária da época, além de escassa, atinha-se, segundo relato de Becker (1970, p. 284), a “comentários religiosos, hinos sagrados e crônicas – tudo escrito em latim”. Somente do século XI em diante, há o surgimento de uma segunda corrente literária paralela a essa, escrita em idiomas nacionais e que ficou conhecida, posteriormente, como literatura medieval. Destacam-se nela os gêneros líricos e, em especial, os épicos como a reconhecida obra “A Divina Comédia”, do florentino Dante Alighieri, escrita por volta de 1320.

Datam desse mesmo período os primeiros sinais de mudança no cenário da restrição aos textos, mudança essa que só acontece efetivamente a partir do século XII com a ascensão de uma “classe burguesa, capaz ela também de aceder à cultura: os juristas, os conselheiros leigos do rei, os altos funcionários de toda espécie e também os ricos negociantes” (SANTAELLA, 2004, p. 20).

Surgiram, nesse contexto, as primeiras universidades e bibliotecas, instituições nas quais se consolidou uma nova postura do leitor que, de tão comum na atualidade, tem-se a impressão de que sempre existiu: a leitura silenciosa. Para Chartier (1998), essa foi a primeira revolução importante ocorrida na leitura desde a sua invenção, pois não foi apenas uma alteração no comportamento do leitor, mas em sua cognição. Quando este aprendeu a ouvir o eco das palavras lidas apenas em sua mente sem necessitar murmurá-las para si ou recitá-las em voz alta, aferiu ao ato da leitura um caráter mais ágil, centrado e crítico que potencializou sua capacidade de raciocínio interno sobre o texto lido. Segundo palavras do próprio autor,

A difusão da possibilidade de ler silenciosamente marca uma ruptura de importância capital. A leitura silenciosa permitiu um relacionamento com a escrita que era potencialmente mais livre, mais íntimo, mais reservado. Permitiu uma leitura rápida, especializada, capaz de lidar com complexas relações na página do manuscrito entre o discurso e suas interpretações, referências, comentários e índices. (CHARTIER, 1998, p.24)

Mas foi Johannes Gutenberg quem, no século XV, transformou em definitivo a relação das pessoas com a leitura e com a escrita ao apresentar à sociedade a prensa de tipos móveis, engenhosa criação para produzir livros adaptada de modelos semelhantes que vinham sendo

usados por chineses, porém muito mais eficiente. O grande diferencial dessa nova máquina, além da introdução definitiva do uso do papel, foram os caracteres que podiam, a cada nova página, serem reorganizados e reaproveitados em combinações distintas para outros textos. Com isso o custo de produção foi reduzido e a impressão que antes exigia uma tabuleta fixa de madeira com letras entalhadas foi pouco a pouco sendo substituída pelo método mais moderno e econômico. Santaella (2004, p.21) declara que, “graças aos tipos móveis, os livros podiam ser reproduzidos com rapidez e facilidade. Os exemplares apareciam por centenas, por milhares, de uma só vez”.



Figura 2 – Caracteres móveis usados na prensa de Gutenberg.
(<http://snpcultura.org>)



Figura 3 – Imagem da prensa de Gutenberg.
(<http://snpcultura.org>)

No âmbito dessas mudanças, surgiu uma nova figura leitora mais livre e, por consequência, mais consciente das leituras que realizava. Santaella explica que “[...] o efeito que o texto é capaz de produzir em seus leitores não é independente das formas materiais que o texto suporta. Essas formas materiais e o contexto em que se inserem contribuem largamente para modelar o tipo de legibilidade do texto” (2004, p.23).

Assim, o aumento no número de exemplares, disponíveis tanto nas bibliotecas quanto nas livrarias, influenciou na construção de um olhar mais atento sobre os livros que, somado ao uso da leitura silenciosa, fomentou a aproximação e comparação entre as obras e iniciou a formação de um leitor que, conforme Santaella (2004), contempla e medita sobre os textos lidos. As reuniões de leituras já não eram mais necessárias para aqueles que tinham o mínimo de conhecimento sobre a cultura letrada; os livros, finalmente, se aproximaram do leitor e puderam ser tocados por mãos que não pertenciam à nobreza nem ao clero. Com o livro ao seu alcance, as páginas podiam ser lidas, relidas e analisadas com calma pelo sujeito, as

palavras já não mais se esvaiam ao fim de um discurso, mas continuavam disponíveis para ele.

O processo de popularização dos textos, porém, não foi algo rápido e automático como as breves palavras desse relato podem, eventualmente, supor. Conforme explica Abreu (2002, p.10) “[...] sucederam-se, ao longo da história, diversos movimentos para afastar as pessoas da leitura, vista como grande perigo”, pois os livros, assim como poderiam carregar leituras recomendáveis, poderiam, também, conter textos considerados pecaminosos, reprováveis e capazes de corromper o mais justo e o mais inocente dos cidadãos. Intocáveis e proibidas, algumas obras chegaram ser trancafiadas e acorrentadas nas bibliotecas monásticas. Outras foram queimadas pelo poder inquisitorial da Igreja Católica e pela tirania exercida por governantes em épocas nem tão distantes, como no caso da Segunda Guerra Mundial. Livros que fossem considerados de caráter pernicioso à moral e aos bons costumes ou que representassem alguma ameaça às autoridades e às instituições dominadoras eram invariavelmente censurados, enquanto que outros, os que bem serviam aos interesses das classes dominantes, tinham sua circulação não só liberada, como incentivada. Contribuiu, ainda, para a repressão das obras, o desagrado dos mais conservadores que julgavam que os livros impressos corrompiam o texto e comprometiam a integridade dos mesmos.

Soma-se a isso o fato de que a criação da prensa não produziu, nos primeiros anos, edições em grandes tiragens e, tampouco, cômodas para o poder aquisitivo dos menos favorecidos. Ademais, o número de analfabetos, na ocasião, era altíssimo e falar que o acesso aos livros ficou mais fácil depois de Gutenberg não significa, necessariamente, que essa revolução tenha chegado a todos ou que tenha feito diferença na vida de quem jamais conheceu o mundo das letras. Só depois de decorrido quase um século da invenção de Gutenberg foi que,

junto com as formas mais nobres de livros, começaram a surgir publicações precárias, pouco cuidadas e pouco custosas, vendidas por mascates e destinadas àqueles que não queriam [ou não podiam por condições financeiras] entrar nas livrarias (SANTAELLA, 2004, p. 23).

Quando isso aconteceu, classes sociais mais baixas puderam ter algum acesso à cultura livresca e ao conhecimento, circunstância que desagradou às autoridades da época, cujo principal trunfo de seu domínio estava justamente na detenção da informação e da sabedoria. Isso prova que os poucos letrados de então já sabiam com que força a leitura e o conhecimento podem influenciar a estabilidade das hierarquias, seja para lhes manter ou para

lhes desestruturar. Daí em diante, a leitura não parou mais de ocupar novos espaços na medida em que o homem foi gradualmente traçando o perfil de uma sociedade que, embora longe de ser perfeita, deixou para trás um passado obscuro de segregação e poderio.

A literatura dessa época reflete uma nova forma de pensar que vê no homem um ser heróico, centro do universo e, assim, retoma os modelos estéticos greco-romanos que haviam sido suprimidos na era medieval. É o início do período denominado Renascimento, em que as artes, em especial a arte literária, são muito proíficas e buscam a perfeição produzida por mãos humanas. Há a ascensão da produção de escritores como Shakespeare (1564 - 1616), Cervantes (1547 - 1616) e Camões (? - 1580) escritores que primam por recursos estilísticos elevados, como a métrica dos versos, ou a catarse e a verossimilhança nos gêneros dramáticos.

A mobilização literária e artística desse período reflete as transformações internas de um sujeito agente que começa a construir um novo capítulo da história da leitura, da escrita e da literatura, marcado pelo aparecimento de máquinas que criaram, para a cultura letrada, novos suportes que, embora não tenham ofuscado o prestígio adquirido pelos livros desde a época em que os manuscritos eram adornados em ouro, passaram a dividir com estes a capacidade de “hospedar” textos e os espalharam amplamente pela sociedade.

1.2 De poucos para muitos: a produção textual para as massas

A criação de Gutenberg, embora revolucionária, foi apenas o começo da formação de uma sociedade em que os textos, muito mais próximos de seus leitores, seriam amplamente produzidos e disseminados às grandes massas populacionais. As circunstâncias dessa aproximação remontam às transformações sociais decorrentes de um período ocorrido entre os séculos XVIII e XIX: a Revolução Industrial, fenômeno iniciado na Inglaterra e, posteriormente, difundido em todo o Ocidente.

Inspirada por ideais originados do pensamento renascentista, a Revolução Industrial reflete a ousadia de sujeitos que perderam os grilhões impostos pelo medo do pecado e criaram máquinas capazes de substituir a mão de obra humana e, em muitos casos, a própria providência divina. Assim, objetos e materiais até então confeccionados de maneira artesanal ou em situações muito próximas a isso, passaram a ser produzidos em escala industrial, o que impulsionou a criação de um mercado com maiores ofertas de produtos e preços mais acessíveis. Instala-se, a partir de então, em todo o mundo ocidental, uma cultura urbanizada e

capitalista que reformulou profundamente as funções da escrita, a qual deixou de priorizar apenas sua condição artística e educativa para adquirir um novo viés, voltado também ao comercial.

Os materiais impressos que, com o aperfeiçoamento das técnicas de impressões, tornaram-se comuns na sociedade, além de serem portadores das informações e novidades constantes, passaram a ser produtos de um mercado muito profícuo, o das letras. Há, inclusive, o surgimento de novos suportes de leitura como os panfletos e, em especial os jornais, cuja estrutura simples e manuseável veio ao encontro dos interesses da época e contribuiu diretamente para que a cultura letrada se popularizasse em definitivo. Além disso, esse novo material assimilou o uso da fotografia, técnica criada por volta de 1826 e que iniciou na sociedade um processo de inserção da linguagem icônica que se expandiria ainda mais com a criação, naquele mesmo século, do cinema, arte que tirou da literatura a exclusividade de contar histórias e dela aproveitou muitas “receitas” de sucesso.

Isso não significa dizer, entretanto, que os jornais tenham monopolizado a produção de materiais escritos ou mesmo que o cinema tenha relegado ao esquecimento o tradicional suporte livro. Este, ao contrário, também teve sua produção e venda impulsionadas pelas técnicas mais eficazes de impressão e, assim, passou a atender uma demanda cada vez maior de novos leitores, visto que novas classes sociais, como a operária – surgida com a proliferação das indústrias – passavam a ter acesso à leitura.

Entretanto, as formas mais rebuscadas de escrita não encontraram espaço junto a esse público que, embora tenha ascendido socialmente, não possuía uma formação voltada para o conhecimento da arte erudita e que lhe permitisse a interpretação dos estilos mais elevados como os clássicos literários, por exemplo. Com vistas a atender esse público, uma escrita voltada para leitores menos especializados passa a ser amplamente produzida por esse novo mercado que tem como principal objetivo atender ao maior número possível de leitores/consumidores.

É o princípio do fenômeno hoje conhecido como “cultura de massa”, o qual, embora tenha se originado no período da Revolução Industrial, alcança seu ápice no século XX quando ocorre a ampla disseminação de materiais como livros, jornais, cinema e televisão, espaços para os quais, conforme declaração de Sodré (1988), a própria literatura (no sentido das narrativas) migra e incorpora as imagens. Para Santaella (2008, p. 6), “desde então e cada vez mais nossa cultura foi perdendo a proeminência das ‘belas letras’ e ‘belas artes’ para ser dominada pelos meios de comunicação”. Isso porque há, nesse período, um processo de convergência das formas tradicionais de arte como a literatura, o teatro e a música com as

novas mídias comunicativas. Convergência essa que convinha aos interesses mercantis ascendentes do momento, visto que, graças às particularidades desses novos equipamentos que podem ser chamados de “meios de massa”, a possibilidade de levar ao grande público os materiais produzidos ampliou-se consideravelmente. Santaella (2008, p.6) explica que os termos “cultura de massa” e “meios de massa”

denotam os sistemas industriais de comunicação, de geração de produtos simbólicos, fortemente dominados pela proliferação de imagens. Trata-se de produtos massivos porque são produzidos por grupos culturais relativamente pequenos e especializados e [...] distribuídos a uma massa de consumidores.

Tal produção, em geral, é marcada por um processo de simplificação, haja vista que, como esclarece Lévy (1999, p. 116), mediante o interesse de “atingir” um grande número de sujeitos, o conteúdo produzido necessita encontrar “um ‘denominador comum’ mental de seus destinatários”, ou seja, o conteúdo divulgado precisa ser compreendido por sujeitos com variados tipos e níveis de conhecimentos. Para tanto, há na produção desses materiais – que podem ser considerados textos, sejam eles verbais ou não – uma tendência ao que Lévy (1999) chama de totalização, ou seja, a criação de um contexto com pretensões de abranger a todos, de produzir sentido a todos independente das particularidades dos sujeitos, o que, em geral, resulta em textos menos complexos. Decorre disso o discurso amplamente difundido por críticos e especialistas de diversas áreas, entre elas a literatura, sobre a pouca qualidade das produções massivas e o conseqüente estigma de baixo valor cultural atribuído às mesmas, rotulação que pode se mostrar, em muitos casos, equivocada.

No caso da literatura, por exemplo, há muitas controvérsias inclusive para se definir quais obras pertencem ou não à chamada literatura de massa ou de mercado, pois não se pode considerar apenas a repercussão de uma obra no mercado, mas também suas características textuais. Além disso, há obras de reconhecido valor literário apreciada por grandes públicos, como “Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carroll, bem como há casos em que as características da literatura erudita e da massiva se fazem presentes em uma mesma obra.

Ademais, critérios como aceitação do público, estilo linguístico e composição do enredo são elementos que podem, muitas vezes, esbarrar na concepção pessoal de quem a julga. O final do século XX e o início do XXI, por exemplo, é um período de grande efervescência da literatura de massa que consagrou nomes como Paulo Coelho, Dan Brown, J. K. Rowling, Stephenie Meyer e outros, nos quais os traços mais recorrentes são as temáticas voltadas para a auto-ajuda e as sagas fantásticas. Críticos literários como Harold Bloom, por

exemplo, manifestaram grande aversão às histórias do bruxo Harry Potter, sucesso entre o público jovem nos anos 2000, e se posicionaram contra essas obras alegando que eram de má qualidade. Por outro lado, pessoas com Pedro Bandeira, no Brasil, e a francesa Isabelli Smadja, defendem a obra de Rowling, ressaltando sua função simbólica e sua literariedade.

Não se pode negar, além disso, que obras como as citadas acima ocasionaram movimentações mundiais de leitura invejáveis a muitos escritores da alta literatura e que o fato de serem amplamente disseminadas não significa que suas características serão sempre ruins, afinal, há casos em que o rótulo “de massa” é atribuído apenas em razão da ampla aceitação do público e do marketing desenvolvido pelas editoras, e não das características gerais da obra.

Outra característica dos produtos da cultura de massa é o fato de que há sempre outros produtos relativos à obra que também podem ser comprados. Assim, o lançamento de um livro ou de um filme, por exemplo, é acompanhado de propagandas veiculadas em diversos meios: confecção de objetos personalizados, divulgação de matérias jornalísticas, entrevista, entre outros. Desse modo, ao contrário do ocorrido no período medieval, no qual reinava uma intensa restrição a leitura, no decorrer deste século XX o sujeito leitor está exposto a um turbilhão de textos espalhados por toda a cidade sob os mais distintos formatos e com as mais variadas funções: informar, entreter, emocionar, chocar, convencer e, principalmente, vender.

Em meio a tal cenário, o leitor, outrora contemplativo, torna-se, conforme palavras de Santaella (2004), um leitor movente. A leitura não se dá mais exclusivamente nos gabinetes e bibliotecas onde sentado ele folheia as páginas de um único e pesado livro repousado na mesa a sua frente. Os textos estão espalhados pelas ruas, podem ser lidos enquanto se caminha ou mesmo no reduto aconchegante dos lares. Seus suportes são pequenos livros de bolso, jornais, panfletos, placas, aparelhos televisivos e até telas de cinema. Esse leitor está constantemente exposto aos meios de massa e a intensa produção destes.

Santaella (2008) julga que a cultura de massa e a cultura erudita não são opostas, mas paralelas, haja vista que cada uma cumpre seus objetivos junto ao público que visa alcançar. Além disso, para a autora a principal razão da cultura de massa ter obtido tão largo alcance deve-se ao fato de que soube explorar os espaços abertos pelos meios de comunicação em que é veiculada: televisão, cinema, jornal e, mais recentemente, os suportes digitais como o computador, embora a associação desse último possa ser contestada.

Isso porque o computador, diferentemente dos outros suportes, não se caracteriza exatamente como um meio de massa, pois, de acordo com a definição da mesma autora, para sê-lo o conteúdo disponibilizado deveria ser produzido por um pequeno grupo e recebido de

forma passiva por “consumidores” que não os contestassem. Entretanto, não é isso o que ocorre. Com o computador, e, principalmente, graças aos avanços da internet, todos podem construir o conteúdo que será disponibilizado na rede. Há diversas ferramentas que possibilitam, inclusive, que o sujeito, outrora apenas receptor de mensagens transmitidas pelos meios de cultura de massa, possa interferir, responder e contestar a fala do outro.

Mediante tal mudança, a sociedade vê surgir, mais uma vez, transformações no mundo das letras a partir da instituição dos suportes de leitura digitais que, entre outros espaços, abrigam os blogs.

1.3 De muitos para muitos: chegada dos textos aos suportes digitais

Um tanto quanto enigmática ainda, a mais recente revolução da escrita e da leitura possui, assim como o surgimento do impresso, um marco histórico: o amplo desenvolvimento das ciências tecnológicas no fim do século XX e, mais especificamente, a convergência das telecomunicações com as descobertas do ramo da informática, na década de 70 deste mesmo século. A chegada dos textos às telas e sua ampla disseminação pela internet, na concepção de Chartier (2007), foi a mais profunda transformação ocorrida na cultura letrada desde o seu surgimento, pois, pela primeira vez

[associou] ao mesmo tempo, uma revolução na modalidade técnica da reprodução de textos (como a invenção da prensa), uma revolução do suporte do escrito (como a revolução do *codex*) e uma revolução do uso e percepção dos discursos (como as diferentes revoluções da leitura). (CHARTIER, 2005, p. 205)

Os textos passaram a ser reproduzidos digitalmente na tela de novos suportes digitais e suscitaram formas outras de reação dos leitores, sejam estas cognitivas ou mesmo físicas, visto a postura distinta assumida por estes que já não necessitam mais virar as páginas dos textos, pois eles “rolam” ao toque do mouse.

Amparados nas facilidades trazidas pela leitura eletrônica e graças à rapidez com que a mesma se espalhou, novos padrões culturais se instalaram na sociedade e a transformaram a exemplo daquilo que ocorreu em épocas passadas, quando outras novidades afetaram a leitura e a escrita. Uma observação atenta a esse passado mostra que a cada vez que o ser humano redescobre maneiras de compartilhar e construir conhecimentos ele usa isso em seu benefício e altera os padrões culturais e sociais ao seu redor.

Entre os principais fatores da mudança ocorrida na leitura está o fato de que os textos nunca estiveram tão próximos e acessíveis aos leitores quanto agora no século XXI, mesmo que essa proximidade não se dê mediante a materialidade dos textos grafados no papel, mas de forma virtual, em telas, situação que, de acordo com Lévy (1996), atribui aos mesmos uma maneira diferente de ser. Para o autor, aquilo que é virtual existe potencialmente, mas não de forma concreta e não se opõe, portanto, ao real, visto que apenas está desprovido de materialidade física, mas ao atual, uma vez que bastaria que se aproveitasse tal potencialidade para dar-lhe uma nova forma. Sendo, portanto, virtuais, os textos disponibilizados na web, tornam-se acessíveis a todo leitor que esteja conectado à rede por um computador, celular ou outro aparelho similar e que queira lê-los em qualquer lugar do mundo. Sua condição virtual lhe permite estar desterritorializado, ou seja, estar potencialmente em qualquer lugar onde lhe queiram acionar, caso muito diverso, por exemplo, do período medieval, anteriormente referido, quando o material textual deveria permanecer escondido e distante dos sujeitos.

Outra situação resultante da virtualização dos textos é a facilidade de produção e publicação de textos, pois desde que conectado à rede, qualquer leitor pode ser também produtor de tais materiais, uma vez que tão fácil quanto acessar textos é disponibilizar seus próprios textos para um número incontável de outros leitores *online*, fato que descaracteriza o adjetivo de massificação.

As transformações resultantes desses novos recursos são sentidas especialmente nos espaços urbanos nos quais mesmo atividades corriqueiras como ir ao mercado ou ao banco, são mediadas por meios digitais e, embora pouco se pense a respeito, estão diretamente associadas à codificação escrita. Assim, mesmo quem não usa diretamente a informática, de alguma forma sente os efeitos de seu uso e disseminação nos mais distintos segmentos sociais. Na intenção de melhor compreender esse recente fenômeno, alguns teóricos buscaram mapear e analisar as alterações ocorridas na sociedade e nos cidadãos a partir do advento das tecnologias por meio de estudos de observação e pesquisa sobre o assunto.

Há que se evitar, entretanto, o ledô engano de pensar que foi a criação do computador a causa das transformações sociais e culturais vigentes, embora seu aparecimento tenha contribuído significativamente. Tal observação é feita pelo filósofo Pierre Lévy (1999), no sentido de alertar para o fato de que, na verdade, a criação do suporte digital apenas deu condições para que o próprio homem operasse uma predisposição e um desejo que já possuía. De posse dos recursos do computador e da internet, a sociedade encontrou a possibilidade de desenvolver um potencial que já tinha e que era almejado de forma utópica desde que ela passou a reconhecer o valor do conhecimento: a democratização da informação e a

potencialização do processo de aprendizagem. Os avanços tecnológicos foram (e são), portanto, apenas as ferramentas necessárias para pôr em prática tal objetivo que já chegara a ser ensaiado nos séculos XVIII e XIX, mas que acabou sendo esquecido em razão da ascensão do mercado.

Lévy, inspirado na obra *Neuromancer* – de William Gibson – cunhou, em 1999, o termo Cibercultura para nomear o momento vivenciado por uma sociedade que, para ele, é uma “nova humanidade” e cujo principal diferencial em relação às gerações passadas está no fato de desenvolver uma prática da inteligência coletiva que se efetiva em um território virtual possibilitado pelas inovações tecnológicas semelhante ao descrito por Gibson em sua obra e que o filósofo, valendo-se do mesmo termo do ficcionista, descreve da seguinte forma:

O ciberespaço (que também chamarei de ‘rede’) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, atitudes, de modos de pensamento, e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.17)

Na literatura *Cyberpunk*, de Gibson, o “*cyberespaço*” imaginado aparece envolto por um contexto de dominação e manipulação de mentes através de programas computacionais, já o “ciberespaço” retratado por Lévy é, justamente, o oposto. É o espaço da liberação da mente e do conhecimento construído e compartilhado por todos, ou, para usar a expressão do autor, é o genuíno espaço da inteligência coletiva. Nele as pessoas participam não como meras visitantes, mas também como agentes construtores. Qualquer pessoa pode, em distintos espaços virtuais, compartilhar o conhecimento que possui com outros e servir-se daquilo que o outro sabe. Livre para aprender como em nenhum outro momento da história, o homem transformou o mundo a sua volta e facilitou sua vida. Interconectados, os sujeitos buscam uns aos outros quando necessitam de informações que podem ser obtidas em tempo real – através da conversa em um *chat*, por exemplo – ou por meio de textos disponibilizados na rede por outros internautas.

Veen e Wracking ilustram esse comportamento dos usuários ao falarem sobre a forma como os sujeitos aprendem no contexto do que chamam de “Era digital” e explicam que “em vez de trabalhar sozinhos, eles usam redes humanas e técnicas quando precisam de respostas instantâneas” (VEEN; WRAKING, 2009, p.32). Uma simples busca em um site como o “Google”, por exemplo, oferece centenas de endereços eletrônicos relacionados ao tema procurado. Além disso, sempre haverá alguém *online* disposto a trocar ideias e conversar

sobre qualquer assunto e, assim, alimentar a sociedade de inteligência coletiva que tem na capacidade interativa da rede seu principal eixo desencadeador.

Xavier (2007) explica, entretanto, que a interação existente no ambiente virtual só se tornou possível após o surgimento da Web 2.0, termo ao qual se convencionou chamar a segunda geração da internet, cuja principal característica é a possibilidade de o usuário participar diretamente da construção da rede de informações e conteúdos que estarão disponíveis no ambiente virtual da internet, podendo intervir diretamente nos conteúdos publicados através de comentários, da criação de perfis em redes sociais e da construção de espaços para publicar seus próprios textos, fotos, vídeos, etc. Em comunidades ou atuando individualmente, o usuários da Web 2.0 têm interesse em aumentar o saber, seja o seu individual ou o dos demais membros da rede que visa atingir. Para isso está em constante movimentação pelo ciberespaço e agindo sempre de forma dialógica e colaborativa.

No centro de todas as novidades que envolvem esse momento em que junto com as novas tecnologias surgem novos padrões culturais por elas mediados, está a comunicação, atividade potencializada por estes suportes que desconhecem distâncias físicas e temporais entre seus usuários, pois, como afirma Lévy, “No centro das redes digitais a informação certamente se encontra fisicamente situada em algum lugar, em determinado suporte, mas ela também está virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida” (1999, p.48.).

Tais atos comunicativos pressupõem uma linguagem usada entre os envolvidos, a qual, de acordo com Santaella (2004), no caso do ciberespaço, é a linguagem hipermídia, definida pela autora da seguinte forma:

A hipermídia mescla textos, imagens fixas e animadas, vídeos, sons, ruídos em um todo complexo. É uma mescla de vários setores tecnológicos e várias mídias anteriormente separadas e agora convergentes em um único aparelho, o computador, que é comumente referida como convergência das mídias [ou demais aparelhos digitais com propriedades semelhantes]. (SANTAELLA, 2004, p.48)

Além disso, a linguagem hipermídia encontra-se organizada segundo uma arquitetura hipertextual, a qual é sustentada pelo uso de nós ou links os quais, segundo Xavier (2009)

[...] permitem ao usuário realizar livremente desvios, saltos e fugas instantâneas para outros locais virtuais da rede de modo cômodo, prático e econômico. A distância de um indivíduo a outro, de um texto a outro, de uma ideia a outra passa a ser medida por rápidos *cliques-de-mouse* sobre essas engenhocas digitais. (Xavier, 2009, p.192-193)

Soma-se, ainda, às características da linguagem hipermídia, de acordo com as concepções de Santaella (2004), o fato de que a mesma possui uma estrutura interna lógica que permite que se estabeleçam nexos e conexões entre essa grande quantidade de elementos diferenciados que se fundem na construção desse discurso encontrado no ciberespaço; e também a capacidade interativa dessa linguagem que só acontece mediante a intervenção direta de seus leitores que necessitam “ao final de cada página ou tela [...] escolher para onde seguir” (SANTAELLA, 2004, p. 52).

Isso significa dizer que as atividades desenvolvidas no ambiente virtual impulsionaram a leitura e a escrita de uma maneira sem precedentes na história e, junto com isso, democratizaram o acesso ao conhecimento através desse espaço de comunicação virtual existente na atualidade. Lévy, em conferência realizada na cidade de Passo Fundo, no dia 29 de setembro de 2009, declarou que a evolução na forma de se comunicar está diretamente associada ao crescimento intelectual de uma sociedade. O avanço de ambos é proporcional, pois se por um lado a comunicação fomenta o aprendizado construído principalmente através da troca de experiências, por outro haverá sempre a busca pelo aperfeiçoamento dos meios que lhe fornecem esse conhecimento.

Diferentemente daquilo que acontece com as mídias de massa, no universo virtual não há a totalização referida por Lévy. Isso porque as mídias digitais retomam o processo comunicativo existente na época da oralidade, ou seja, emissor e receptor compartilham o mesmo contexto e podem interagir entre si, dispensando, portanto, a necessidade da utilização de processos totalizantes criados para “encaixar” os interesses de milhares de usuários independente da individualidade de cada um.

O contexto de intensa atividade comunicativa mediada, principalmente, pelo uso ilimitado do hipertexto, efetiva no mundo virtual características de uma nova sociedade chamada por Froés (2000) de Sociedade da Aprendizagem que, segundo a mesma autora, deixou de buscar o conhecimento apenas na escola - instituição encarregada desse fim - e passou a buscá-lo em espaços alternativos onde o aprendizado não aconteça de forma manipulada, mas seja construído coletivamente. São lugares em que os sujeitos “entram em contato com diferentes formas de conhecer e organizar o conhecimento; expõem-se e interagem com diferentes referenciais de leitura da realidade” (FROÉS, 2000, p. 301). Tal circunstância que, conforme a autora, ganha cada vez mais espaços em clubes, praças, cursos alternativos, repete-se agora também no universo virtual onde há uma constante troca de conhecimentos impulsionada pela capacidade interativa do meio *online*.

Sabe-se, portanto, que a sociedade contemporânea possui traços característicos desse período de grande evolução tecnológica. No intuito de mapear os fenômenos recorrentes nesse novo contexto, surgem estudos que tentam mapear os padrões culturais vigentes na sociedade do século XXI e, para tanto, acabam atribuindo termos distintos que variam de acordo com a percepção de cada autor e dos traços que ao mesmo lhe interessa destacar. Cibercultura, Era Digital, Pós-modernidade são exemplos de nomenclaturas usadas por leigos e teóricos para indicar o território de um sujeito que também ganhou vários nomes para definir sua personalidade e atuação nesse contexto, o leitor.

Em 1998, Roger Chartier lança no Brasil uma obra intitulada “A aventura do livro: do leitor ao navegador”, em que se pode perceber uma relação recorrente quando se busca designar os usuários da internet quanto à navegação. Tal relação se tornou ainda mais precisa nos anos subsequentes, quando as constantes inovações e o aprimoramento do suporte digital potencializaram ainda mais essa analogia. Assim, Chartier (2007) afirma que a leitura, quando na tela, assemelha-se a um mergulho, ou uma navegação que não segue nenhum tipo de roteiro pré-estabelecido, os caminhos são traçados pelo leitor que, ao invés de percorrer linhas e virar páginas, “entra” no texto. Tal aproximação também é feita por Pierre Lévy (1999), porém, o autor, em concordância com os termos ciberespaço e Cibercultura, denomina esse personagem como um ciberleitor, sujeito que habita o espaço imaterial da internet e possui uma pré-disposição para agir e reagir coletivamente.

Xavier (2002), que explica a segunda geração da internet, marcada pela capacidade de ser construída por várias mãos e por princípios como interação e interatividade, chama de hiperleitor esse sujeito que navega entre hiperlinks e hipertextos, não apenas lendo, mas também se valendo das ferramentas oferecidas para criar seus próprios textos e participar ativamente da construção do universo virtual.

Para Santaella (2004), o personagem que habita esse espaço imaterial e, por assim ser, ilimitado, pode ser chamado de leitor imersivo, termo que não deixa de ter alguma relação com o navegador anteriormente citado. A autora o descreve como

um leitor que se encontra em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeos, etc. (SANTAELLA, 2004, p. 33)

Para Veen e Wracking (2009), a figura surgida nessa era de grandes avanços tecnológicos faz parte de nova geração humana denominada por eles como Homo Zappiens, a

qual se refere não apenas ao sujeito enquanto leitor de suportes digitais, mas enquanto membro de uma sociedade que lhe oferece inúmeras possibilidades de “zapear”, ou seja, de trocar constantemente o foco de atenção, entre múltiplos textos, circunstâncias ou dispositivos eletrônicos variados. Pertencem a essa nova geração os nascidos a partir do final da década de 80 do século XX, nativos do meio digital que cresceram em contato com equipamentos eletrônicos e digitais e possuem nata aptidão para manuseá-los e, em especial, para usar a internet por meio da qual desenvolvem seu potencial comunicativo e interpretativo.

Em linhas gerais e unindo as observações dos referidos autores sobre as questões que envolvem a leitura e a escrita no ciberespaço, pode-se dizer que os suportes digitais, nos quais há a convergência de distintas mídias, possibilitam uma nova maneira de ler que combina imagens, sons, textos e interatividade abrindo espaço para que o leitor deixe de ser mero receptor de mensagens e torne-se também coautor daquilo que lê, passando a participar ativamente das construções destes, voltando seu olhar para todos os lados, para todos os aspectos, para todas as formas de linguagem, zapeando ou navegando, enfim, pelo amplo espaço textual disponibilizado.

Além disso, esse novo leitor possui a liberdade de se movimentar entre as formas de leitura de qualquer tempo. Tal qual o leitor contemplativo ou movente, anteriormente referidos, ele lê livros em formatos tradicionais, jornais, anúncios e ilustrações, entre suportes variados de texto. Isso porque, como explica Santaella (2004, p. 19), “embora haja uma sequência histórica no aparecimento de cada um desses tipos de leitores, isso não significa que [...] o aparecimento de um tipo de leitor leva ao desaparecimento do tipo anterior”, pois, na verdade, o que acontece não são substituições, mas sobreposições. Assim, o leitor imersivo, homo zappiens, ciberleitor ou como se queira chamar, não é um ser que adquiriu características totalmente inéditas em seu comportamento, mas alguém que pode aprimorar suas técnicas frente às novas possibilidades trazidas pelos suportes digitais.

Os próprios textos desse ambiente, embora novos e com particularidades muito específicas dos meios que lhes hospedam, possuem características herdadas da forma impressa, visto que não deixaram de ser textos ao trocarem de suportes, mas apenas ganharam traços condizentes com o novo espaço. Há, por exemplo, versões digitais de alguns jornais - como a Zero Hora, no Rio Grande do sul - que possuem além do site, uma virtualização de seu formato impresso no qual os leitores podem, através de cliques com o mouse, simular páginas de papel sendo folheadas na imagem do monitor. Da mesma forma há outros com características exclusivas do meio virtual que Marcuschi (2002) aponta, inclusive, como sendo novos gêneros textuais emergentes do contexto da tecnologia digital.

O autor explica que os gêneros, “frutos de complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem” (MARCUSCHI, 2002, p.20), possuem estreita relação com as necessidades comunicativas de determinadas épocas e contextos que de alguma forma se revelam por meio da criação de estilos recorrentes e regulares nas atividades sócio-discursivas de uma sociedade. Dessa forma, é natural que as transformações ocorridas na forma de ler, escrever e perceber o texto, bem como o aparecimento de circunstâncias inéditas de comunicação por escrito – como as conversas em tempo real entre pessoas que podem estar fisicamente separadas por oceanos – criem tendências de produção textual total ou parcialmente inéditas. *Chats, e-mails*, listas de discussões, vídeoconferências interativas, endereços eletrônicos, blogs e aulas virtuais são exemplos de gêneros textuais essencialmente virtuais citados pelo autor, mas que mantém vínculos com os gêneros tradicionais.

O caso dos blogs, entre todos, merece destaque devido à sua grande e rápida disseminação no espaço virtual da internet e também em razão do envolvimento intenso dos leitores com os mesmos, em especial, o envolvimento dos jovens leitores. Além disso, os blogs, diferentemente dos demais gêneros textuais virtuais apontados por Marcuschi, são mais do que espaços de comunicação mediada pela linguagem escrita, são espaços de publicação de textos com propósitos informativos, humorísticos, literários – embora tal concepção textual ainda esteja fortemente arraigada ao formato impresso – entre outros.

Espaços de atividades dinâmicas de leitura e escrita feitas por qualquer usuário da internet que queira deles se aproveitar, os blogs possuem características que lhes permitem convergir em único espaço elementos que se assemelham à cultura do escrito e da oralidade, além dos múltiplos recursos inerentes ao meio virtual, fusão que lhe assegura a possibilidade de realizar ações que outrora não passavam de utopias e de produzir um espaço textual de encantamentos para o sujeito leitor do século XXI. Abordagem essa que será vista no capítulo seguinte.

2 BLOG: PRÁTICA INSTANTÂNEA E INTERATIVA DE ESCRITA

Fruto do surgimento da rede mundial de computadores, o primeiro blog, segundo o teórico Hugh Hewitt (2007), foi criado em 1999, daí em diante, bastou um curto espaço de tempo para que esse se popularizasse e se tornasse mania entre internautas de todo o planeta alcançando, atualmente, a marca de 152 milhões de blogs disponíveis na internet, segundo dados publicados no dia 16 de janeiro de 2011 pela revista eletrônica Info Online¹. A informação pode ser confirmada também no site Technorati², referência em pesquisas sobre a atividade blogueira na internet, que publica anualmente um relatório chamado “The State of the Blogosphere”, no qual apresenta análises de diversos aspectos do universo dos blogs, apontando as principais tendências, características, taxas de crescimento, línguas predominantes, entre outros dados referentes à blogosfera.

Os motivos de tamanha adesão vão além de um simples modismo ou de uma mania: os blogs são a manifestação textual de uma nova cultura, instaurada pela Revolução Digital³, em que o modo de vida das pessoas, especialmente no que se refere às linguagens e à comunicação, está intimamente ligado a expressões como instantaneidade e interatividade. Isso porque a ampla e rápida disseminação de novos aparatos tecnológicos de comunicação permitem que as pessoas recebam, passem e troquem informações constantemente em tempo real. No contexto do perfil dessa Sociedade da Aprendizagem, conforme denominação

¹ <http://info.abril.com.br/noticias/internet/veja-a-internet-em-numeros-no-ano-de-2010-16012011-4.shl?2>

² <http://.technorati.com>

³ Xavier (2009, p. 24) explica que a Revolução Digital é o fruto dos avanços da informática e da Microeletrônica que potencializaram o alcance das distintas mídias e, além disso, possibilitaram o surgimento da internet.

utilizada por Froés (2000), os blogs são ferramentas importantíssimas para a discussão e a disseminação imediata de informações recentes e, muitas vezes, formadoras de opinião.

Mais do que o resumido conceito de diário virtual ou diário na internet sugerido pelo seu termo original Weblog (Web – internet; log – diário), para alguns estudiosos como Marcuschi (2005, p. 29) os blogs são, como já comentado anteriormente, um novo gênero textual digital, dadas as particularidades de escrita neles desenvolvidas.

Softwares online de edição e publicação de textos, os blogs podem ser acessados e criados por qualquer pessoa com acesso a um computador conectado a web. Aliás, as principais peculiaridades dos blogs só são possíveis graças a esse novo suporte de leitura, a tela, e a conexão com a internet. A partir desses dois fatores se desencadeiam todas as demais características inerentes aos blogs e responsáveis por sua popularidade, tais como o caráter hipertextual, a possibilidade de acesso em qualquer lugar do mundo, a interação direta e imediata entre blogueiros⁴, entre outros. Ademais, criar um blog é fácil e, na maioria dos casos, sem custos. Atualmente, existem diversos servidores que oferecem gratuitamente ferramentas simples para a criação de blogs que dispensam conhecimentos técnicos de informática como programação e linguagem HTML. Essa facilidade deve-se ao fato de que os blogs já possuem uma estrutura pré-definida pelos seus programadores. São como “formulários a serem preenchidos discursivamente” (MARCHUSCHI, 2004, p. 30), o usuário tem a possibilidade de acrescentar textos, imagens, sons e links, pode escolher as fontes, as cores, os temas que quer usar para personalizar seu blog, mas deve se ater aos limites estruturais do programa que utiliza.

Marcuschi (2004, p. 15), falando sobre os gêneros textuais digitais, explica que as novas formas de comunicação mediadas por recursos tecnológicos desenvolveram “uma espécie de discurso eletrônico” fundamentado principalmente na escrita, pois, segundo ele, “na internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e sons”. Na blogosfera, isso não é diferente, os blogs são, fundamentalmente, ferramentas de disseminação da leitura e da escritura, acrescida das particularidades da linguagem icônica e da possibilidade de interação.

A figura a seguir mostra a página inicial do Blogger, primeiro *software* de criação de blogs surgido em agosto de 1999 e que, inclusive, deu origem ao termo “weblog”, posteriormente resumido a blog simplesmente.

⁴ Termos utilizado para denominar quem escreve em blogs. Usa-se também a denominação blogger.



Figura 4 – Imagem da página inicial do site Blogger (<http://www.blogger.com>).

A página traz em destaque os principais elementos que compõem os blogs, na qual, além da gratuidade do serviço e da rapidez e facilidade de criação, destaca-se a possibilidade de compartilhar dados, os quais, é importante ressaltar, são textos escritos com linguagem hipermídia e que, conforme descrito na página, podem ser compartilhados com o mundo todo. Isso porque os conteúdos disponibilizados na rede podem ser vistos por qualquer pessoa com acesso à internet. Nesse sentido, Hewitt (2007, p. 137) diz que “a novidade da blogosfera é que não há barreiras à entrada em um mundo que oferece uma plateia quase ilimitada”, característica a qual se atribui grande parte do sucesso dos mesmos.

O Blogger destaca, ainda, a facilidade de operar (é fácil postar textos, fotos, vídeos da web ou do seu celular) e a possibilidade de configurar alguns elementos de sua página como temas, fontes e cores de sua preferência (flexibilidade ilimitada para personalizar seu blog com temas, *gadgets* e mais), fatores que asseguram autonomia e exclusividade ao criador do blog e reforçam a popularidade do meio.

O próprio Blogger apresenta em seu site, ainda, a seguinte definição de blog:

O blog é uma página web atualizada frequentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica. É como uma página de notícias ou um jornal que segue uma linha de tempo com um fato após o outro. O conteúdo e tema dos blogs abrangem uma infinidade de assuntos que vão desde diários, piadas, links, notícias, poesia, ideias, fotografias, enfim, tudo que a imaginação do autor permitir. Usar um blog é como mandar uma mensagem instantânea para toda a web: você escreve sempre que tiver vontade e todos que visitam seu blog têm acesso ao que você escreveu. Vários blogs são pessoais, exprimem ideias ou sentimentos do autor. Outros são resultados da colaboração de um grupo de pessoas que se reúnem para atualizar um mesmo blog. Alguns blogs são voltados para diversão, outros para trabalho e há até mesmo os que misturam tudo. (BLOGGER. 05 jan. 2010. www.blogger.com)

Blogs, em síntese, são espaços de leitura, escritura e compartilhamento dinâmico de ideias, informações e conhecimentos que, conforme Rettenmaier (2009, p.84), “por seu caráter diacrônico, por sua natureza renovável, [...] mostram o quanto é renovável o conhecimento e a informação”. As constantes atualizações e interferências que conferem aos blogs esse caráter renovável indicado pelo autor revelam a democratização de um saber construído e conquistado coletivamente. Na blogosfera, não há verdades absolutas e autoridades intelectuais, todos podem expor suas ideias, suas próprias verdades. Cabe ao leitor, ler, comparar e julgar. Além disso, na blogosfera há espaço para qualquer assunto. Hewitt (2007, p.137) explica que “há um enorme número de pessoas buscando sabedoria e entretenimento. Seja seu produto análise econômica, promoção da Nascar, fofocas sexuais ou provocações políticas [...]”. Conceituar o que merece mais ou menos atenção é tarefa das mais árduas, visto que há preferências para tudo e que, diferentemente do que acontece com os gêneros textuais não virtuais, não há uma crítica especializada que julga a relevância do que é publicado, na blogosfera isso será sempre uma questão de pontos de vista.

O responsável por toda a movimentação que ocorre no universo dos blogs é uma figura híbrida, misto de leitor e escritor, denominada blogueiro. Marcuschi (2004, p. 62) explica que blogueiro é tanto o sujeito que escreve as postagens em um blog próprio, quanto os que apenas leem e escrevem em blogs de outros participantes. Tomando as palavras de Rettenmaier (2009, p.84), o blogueiro é “um leitor de múltiplas fontes que escreve para um número ilimitado de leitores”. Muitos deles fazem parte da chamada geração Homo Zappiens que, segundo Wim Veen e Ben Wracking (2009, p. 29), são os “primeiros seres digitais” que “cresceram em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis a quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa”. O Homo Zappiens não se contenta em ser um mero receptor de informações, haja vista que as ferramentas de que dispõe, entre elas os blogs, permitem-lhe interferir, comentar, escrever, reescrever, inovar, informar, e construir

o conhecimento com pessoas que, na maioria dos casos, nem o conhecem, mas que possuem os mesmos interesses. Os integrantes da geração Homo Zappiens querem ver e, principalmente, serem vistos, para tanto encontram nos blogs uma “ferramenta de autoexpressão” (KOMESU, 2004, p.111), que lhes permite publicar seus próprios textos e conhecer o que os demais blogueiros publicam. E tudo isso de forma muito rápida e eficiente. Aliás, na blogosfera só informações recentes possuem relevância, pois como coloca Hugh Hewitt (2007, p. 213), “o mundo dos blogs é onde a vida está em movimento”.

Há uma dinâmica constante de textos publicados a todo o momento, sendo vistos, revistos, comentados e repassados de modo que há sempre algo novo no universo dos blogs. Segundo dados do relatório “O Estado da Blogosfera” referente às atividades de 2010, as inúmeras postagens que circulam nesse universo são produzidas por blogueiros em sua maioria jovens e, em 65% dos casos, amadores. Isso reforça a afirmação de Komesu (2004) sobre o fato de os blogs serem marcados pela expressão pessoal, pois se não há um compromisso profissional com o conteúdo publicado, significa que o blogueiro está postando textos sobre seus próprios interesses, opiniões e revelando, assim, sua subjetividade.

Para isso, o blogueiro usufrui da linguagem hipermidial e, tão naturalmente quanto escreve, compõe textos de aspectos visuais e sonoros que possibilitam caminhos de leitura muito ricos e diversificados para o leitor que ousa aventurar-se pelas galerias dessa imensa Biblioteca de Babel pós-moderna que é a blogosfera. Há, assim, blogs de fotografias, de vídeos, de textos ou, ainda, com todos esses reunidos.

2.1 Elementos de composição

Toda essa grande variedade de códigos, linguagens e possibilidades de criação textual proporcionadas pelos blogs está organizada em uma estrutura que se divide, basicamente, em três elementos: links – atalhos que conduzem a outros blogs ou outras páginas da internet; postagens – feitas pelo autor do blog; e comentários – feitos pelos visitantes do blog. Deve-se ter em conta, entretanto que, embora possam ser percebidos em separados, esses três elementos atuam de maneira muito concisa podendo, em muitos casos, mesclarem suas funções.

2.1.1 Links

Reiterando a comparação entre a blogosfera e a infinita biblioteca imaginada por Borges no século XX, pode-se dizer que os links são os formadores dos labirínticos caminhos dessa Babel digital. Cliques conduzem o leitor pelas galerias hipertextuais da blogosfera, bem como por outros ambientes *online* – haja vista que os mesmos são recorrentes em toda a web e não apenas nos blogs – oportunizando, assim, leituras não imagináveis em outros contextos que não o virtual.

“Ideia motriz do hipertexto”, conforme palavras de Xavier (2009, p. 192), os links são palavras, frases ou imagens previamente programadas para, ao serem “clikadas”, funcionarem como dispositivos de ligação entre hipertextos. Diferenciados por cores ou sublinhados, os links estão sempre marcados e em destaque em relação às palavras e enunciados comuns. Ao serem “tocados” pelo cursor do mouse, os links dão acesso a outras páginas na internet. Nos blogs, eles podem estabelecer relações tanto entre hipertextos de um mesmo blog, de blogs diferentes, entre blogs e outros ambientes na internet e, ainda, “entre seus produtores e hiperleitores” (XAVIER, 2009, p.249).

O exemplo a seguir é do blog que a editora de livros Cosac Naify dedica a publicação de textos sobre atualidades literárias e culturais, no qual apresenta uma variedade de links que estão marcados em vermelho para contrastar com o restante do blog configurado em tons de branco, preto e cinza. Além dos links no corpo do texto principal, há, à esquerda, links marcados em uma página de calendário que dão acesso às postagens respectivas ao dia escolhido. Ainda, abaixo do calendário, há links de acesso aos meses anteriores e subsequente. À direita, há o link de acesso ao site oficial da editora e os links das postagens recentes que trocam de cor ao serem “tocados” pelo mouse.



Figura 5 – Imagem do blog “Blog da Cosacnaify” (<http://blog.cosacnaify.com.br/>)

Xavier (2009, p.212), que dedica boa parte de seus estudos a analisar a funcionalidade dos links no hipertexto, explica que estes são elementos indexadores de outros hipertextos que “contribuem para fazer convergir, em torno de um hipertexto, dados e informações complementares e ampliadores da discussão em andamento”. Dessa forma, o leitor passa a ter uma gama de possibilidades de leitura através das quais poderá “pormenorizar aspectos e preencher on-line lacunas que, porventura venham a surgir durante o processamento da leitura on-line” (XAVIER, 2009, p.206).

De qualquer modo, o leitor vê ampliadas as possibilidades de adquirir conhecimentos, uma vez que, além de poder ler o que está disponível ali, pode, com o simples gesto de um clique, ser direcionado a outros textos que, “intervincludos [...] poderão se complementar ou se refutar, se reafirmar ou se contradizer” (XAVIER, 2009, p.206). Assim, o leitor poderá, mediante várias versões do mesmo assunto, construir sua leitura por meio de uma visão ampliada e poderá não só absorver uma única informação tida por verdade absoluta, mas conhecer “outras verdades”, compará-las e julgá-las, de modo a formar um real conhecimento baseado na criticidade.

Na Sociedade da Aprendizagem onde o conhecimento é construído coletivamente e amplamente divulgado por meio do rápido e livre acesso a variados tipos de textos, e da vasta possibilidade de comunicação oferecida pela internet, os links exercem um papel importantíssimo para a viabilidade das operações comunicativas e informativas. Xavier (2009,

p. 193) diz que “o link é um elemento fundamental para que todas as conexões e capacidades de interação deem certo”, segundo ele, “os links são elos que vinculam mútua e infinitamente pessoas e instituições enredando-as em uma teia virtual de saberes com alcance planetário a qualquer hora do dia” (XAVIER, 2009, p.193).

Além disso, a mobilidade permitida pelo caráter hipertextual das postagens através dos links permite que o leitor circule entre os incontáveis textos disponíveis no ambiente virtual. Um texto, por exemplo, que só seria lido pelos visitantes de um determinado blog, tem muito mais oportunidades de ser lido, a partir do momento em que outros blogueiros ou autores de outros hipertextos criem links de acesso a ele em suas páginas.

Nos blogs, como se pode perceber no exemplo anterior, os links não se encontram somente nas postagens, mas em muitos outros lugares, inclusive, com alguma variação de função. Um dos principais links de um blog é o que direciona o leitor para o espaço dos comentários, verdadeiro diferencial dos blogs em relação a outros locais na internet. Logo abaixo das postagens, esses links não direcionam a um novo hipertexto pronto, como é comum que aconteça com todos os links, ele direciona a um hipertexto que está sendo construído através da participação de cada leitor do blog. Assim, os links dos comentários são “formas digitais de convidar” o leitor para participar da construção do blog (KOMESU, 2004, p.119). Alguns blogueiros marcam esses links com enunciados no imperativo em frases como: “dê sua opinião”, “fale conosco”, “comente”, “diga aí”, entre outros, que são como um incentivo à interação, um dos maiores interesses do blogueiro. Outros optam por formatos diferenciados de links, como o blog espanhol “Papeles Perdidos”, do jornal “El país” que usa um “balão”, caixa de texto usada comumente para indicar a fala dos personagens de histórias em quadrinhos. O blog – que se dedica a temáticas como literatura, música, cinema e outras artes – usa tais figuras tanto como link de acesso ao espaço de comentários (em amarelo), quanto para marcar os comentários já escritos pelos leitores (em cinza), conforme se pode visualizar na imagem abaixo.

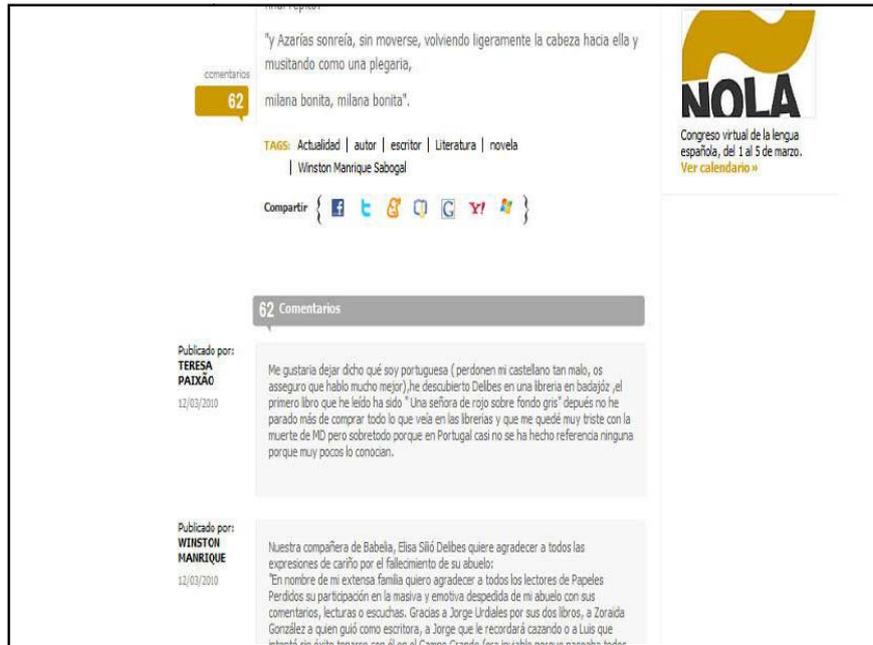


Figura 6 – Imagem do blog “Papeles Perdidos” (<http://blogs.elpais.com/papeles-perdidos>)

Há, ainda, como se pode perceber no detalhe a seguir, outros links em formato icônico oferecidos pelo blog, logo abaixo da postagem. São links de acesso a páginas de relacionamento e compartilhamento como Facebook, Twitter, iGoogle e outros, com os quais o leitor pode divulgar, em suas contas pessoais, os textos lidos e convidar mais pessoas para participarem das discussões.



Figura 7 – Detalhe da imagem do blog “Papeles Perdidos” (<http://blogs.elpais.com/papeles-perdidos>)

Outro link comum em blogs é o de acesso ao servidor. Assim, segundo Rettenmaier (2009, p.184), “de qualquer blog lido há a possibilidade de produção de outro blog”, fato que torna possível ao hiperleitor “não apenas ler, mas produzir e publicar na tela” em um blog próprio, sobre o assunto que preferir. Há, ainda, o link *RSS Feed*⁵ que, em geral, possui sempre o mesmo formato, conforme se pode visualizar no exemplo a seguir.

⁵ Em geral, páginas da web que recebem constantes atualizações disponibilizam *feeds* para os leitores que se cadastram ou “assinam” essa ferramenta. Dessa forma, o leitor cadastrado passa a receber em seu computador um resumo das atualizações da página em questão juntamente com o link de acesso a ela.



Figura 8 – Imagem do link RSS feed.

A própria disposição dos links no ambiente de um blog já possui algumas significações reconhecidas pelos leitores habituais de blogs. Os encontrados nas postagens são quase sempre links que levam a outros textos relacionados ao assunto, marcando, assim, certa intertextualidade. Os links dispostos em forma de lista nas laterais dos blogs são de acesso a outros blogs preferidos dos autores, às postagens mais antigas e também aos *feeds*. Há, ainda, nas extremidades superiores e inferiores, links de anunciantes, patrocinadores, serviços do autor, servidores, etc.

Independente da função que exercem, os links, conforme Xavier (2009), são extremamente atrativos para o leitor, seja por suas características visuais, sempre distintas do restante do texto ou em imagens, ou mesmo pela curiosidade que despertam. Nas palavras do autor, os links “[...] jogam com os conhecimentos de mundo e imaginário dos usuários, encapsulando expectativas do que podem encontrar por ‘baixo’ de cada uma delas, ao serem acionadas” (2009, p.196). Segundo o mesmo autor

A atração deve acontecer especialmente por causa da alta densidade informacional que eles devem conter, formatado em uma palavra, em um enunciado ou em uma imagem fotográfica digitalizada. É capital para o link evidenciar sua capacidade de aglutinar significações abrangentes e extensivas a domínios vários do saber, a fim de funcionar produtivamente na leitura hipertextual. (XAVIER, 2009, p.196)

No entanto, para que tais efeitos aconteçam é necessário que o link apresente essa característica sedutora em seu enunciado, de modo a expressar muito sucintamente aquilo que “guarda”. O leitor, ao passar os olhos sobre ele, tem que vislumbrar e desejar conhecer a nova mensagem ali escondida.

Seja em formato verbal ou icônico, os links sempre guardam uma grande carga significativa em si, “cada link é criado sob medida” (XAVIER, 2009, p.196), para serem coerentes com o hipertexto e com as possíveis expectativas dos leitores que o procuram. Assim, “[...] somente elementos que remetam o hiperleitor a outros conhecimentos relevantes

ao todo daquela página devem ser linkados” (XAVIER, 2009, p.193). Isso porque os links, mais do que palavras previamente programadas para funcionarem como atalhos, são elementos de forte caráter significativo. Eles fazem parte do sentido que o autor quer conferir a seu texto e são ativados de acordo com o que o escritor quer mostrar e com as possíveis expectativas do público leitor que o blogueiro queira enfatizar. O conteúdo linkado pode ser apenas um viés da temática geral que está lá para “dinamizar a leitura, ampliar o tema principal abordado no hipertexto, exemplificar e detalhar aspectos mencionados” (XAVIER, 2009, p.200).

Quando clicados, os links representam também um pouco da identidade do autor que, assim, cria os vários caminhos para serem trilhados pelo leitor. Isso porque, além do leitor, também o autor do hipertexto tem a possibilidade de esclarecer seus argumentos direcionando, pelos links, o leitor até as leituras que julga pertinente para o melhor entendimento daquilo que escreveu. E, apesar de que tanto na internet quanto nos blogs a noção de autoria não possui muita relevância, sempre haverá alguém por trás do hipertexto que o constroi com intenções de exercer algum poder de convencimento sobre o seu possível leitor e vale-se, para isso, também das escolhas das palavras e elementos linkados que constituirão uma espécie de argumento de autoridade, visto que podem levar o leitor diretamente à fonte da informação quando é o caso.

Mesmo não sendo um dispositivo de uso exclusivo dos blogs, sua relevância não pode deixar de ser reconhecida em razão da grande carga significativa que carregam e das importantes funções que aí desempenham inclusive em relação aos elementos postagens e comentários, ambos muito característicos dos blogs e próximos itens a serem analisados, respectivamente.

2.1.2 Postagens

Quando surgiram em 1999, os blogs eram páginas na internet de conteúdos meramente autobiográficos que faziam jus à designação de seus espaços como diários virtuais. Com a ascendente democratização da internet e conseqüente popularização dos blogs, novas ideias surgiram nesses espaços, que passaram a comportar outras temáticas, embora não tenham deixado de carregar muito das convicções de quem os escreve. Por meio dos blogs, o blogueiro disponibiliza textos que podem ser lidos por qualquer pessoa que visite seu blog. A esses textos publicados chamam-se postagens, ou simplesmente *posts*, como são conhecidas pelos usuários.

Cada blog possui um estilo próprio revelado através das postagens que são seu centro, sua identidade. Os leitores são atraídos até determinado blog não necessariamente pelo reconhecimento de quem o escreve, como seguidamente acontece na leitura impressa, mas pela temática abordada. Assim, os blogs passam a ter seu estilo reconhecido pelos demais blogueiros que podem, inclusive, segui-los através dos *feeds*.

As postagens, embora tenham deixado de ser exclusivamente relatos da vida do autor, continuam sendo muito pessoais, visto que por meio delas o blogueiro expõe suas opiniões e se revela como sujeito. A maioria das postagens são escritas em primeira pessoa, o que reafirma a personalidade, fictícia ou não, da pessoa existente do outro lado da tela. O blogueiro usa as postagens para falar ao mundo o que de outra forma não conseguiria, pois, na blogosfera, qualquer um pode ser escritor, independente de ser ou não autoridade no assunto; os blogs, conforme explicita Rettenmaier (2009, p.84), “permitem voz e manifestação a todos, retirando a autoria das supostas autoridades intelectuais” e fazendo surgir a cada dia novos escritores que podem publicar seus textos sem passar pela burocracia das editoras e o melhor, com um público ilimitado.

O uso da primeira pessoa nas postagens também enfatiza o tom de diálogo e pressupõe proximidade entre quem lê e quem escreve. Marcuschi (2004, p.29) diz que a linguagem na internet aproxima-se muito da fala, o que assegura fluidez à leitura e forma uma linguagem peculiar na qual a oposição entre fala e escrita inexistente. Entretanto, mesmo não sendo formal (salvo exceções), os blogs não comportam certos abusos de adaptações linguísticas recorrentes em outros ambientes da rede, como nos *chats*, nos quais a própria condição de comunicação em tempo real e restrita a um grupo pequeno de pessoas acentua o uso de abreviações e elimina muito de pontuação e acentuação como forma de agilizar a digitação. Nos blogs, porém, isso não é conveniente, nem necessário, pois a comunicação não é imediata e o alcance dos mesmos necessita alguma regularidade linguística que torne o texto claro para qualquer leitor.

Marcuschi (2004, p.32) diz, nesse sentido, que os blogs são gêneros digitais de comunicação assíncrona e multilateral. Isso significa dizer que a resposta ao conteúdo publicado não é, necessariamente, imediata como nos bate papos virtuais, por exemplo, e que a sua comunicação se realiza não de um para um (caso do *e-mail*), mas de um para um número incontável de possíveis leitores, sendo, portanto, multilateral. Ambas as características denominadas pelo autor contribuem para que haja uma menor deturpação dos padrões linguísticos nos blogs, embora haja expressões como blogar, blogueiro, blogosfera, blogado, blogando, bloguer, *posts*... criadas especialmente para o meio.

Outra particularidade dos textos publicados nos blogs diz respeito à linguagem hipermidiática das postagens marcadas pelo uso de links e das linguagens visuais e sonoras. Segundo Xavier (2009, p. 197-198),

As ferramentas icônicas e fotográficas implementam uma maior dinâmica na leitura, acrescentam grande agilidade ao processamento da compreensão e proporcionam uma alta interatividade do hiperleitor com o objeto lido, já que alguns ícones são incrementados com movimentos, propriedade impossível ao formato do livro impresso.

Um bom exemplo disso é o blog “Bombou na Web”, da revista Época, que, na postagem do dia 13 de abril de 2010, além dos links (elemento visto anteriormente) que dão acesso a outros textos sobre o assunto, comporta também um vídeo ilustrativo que pode ser visualizado pelo leitor.



Figura 9 – Imagem do blog “Bombou na web” (<http://colunas.epoca.globo.com/bombounaweb>)

O uso de recursos como o empregado pelo blog acima potencializa a significação geral do que foi escrito através daquilo que Xavier chama “pluritextualidade” e pode ser entendida como a capacidade do hipertexto de reunir vários textos e múltiplas semioses em um só. Segundo Xavier (2009), em razão de tal característica, o autor consegue afirmar de forma mais clara e efetiva suas intenções e argumentos, e com isso, leva o leitor a compreender melhor o texto, despertando neste a vontade de também manifestar-se. Além disso, o uso de

diferentes linguagens atende às expectativas de um público leitor que modula seu foco de atenção entre diversos textos existentes na tela, de modo a captar, dentro do grande mosaico textual, as informações que mais lhe interessam naquele momento.

Mas há, ainda, outro elemento fundamental a ser analisado em relação aos *posts* ou postagens e que também é responsável pelo aumento ou diminuição da atenção dos visitantes ao blog – a atualização. Na blogosfera, o tempo predominante é o presente e estar atualizado é característica vital: quanto mais recente, mais relevante a publicação do blog. Basta ver que a descrição de blog apresentada pelo Blogger inicia exatamente observando essa questão: “páginas constantemente atualizadas e parágrafos dispostos cronologicamente formando uma linha de tempo”. Os milhões de blogs existentes estão a todo instante recebendo novas postagens que, rapidamente, circulam pela blogosfera e pela internet, são lidas e comentadas muitas vezes, por muitos leitores e depois esquecidas em função de novas postagens que não param de chegar. Com o grande número de novas postagens diárias, há sempre muitas novidades circulando na blogosfera de modo que, em pouco tempo, uma notícia pode tornar-se ultrapassada.

A própria estrutura do blog já é definida de modo a evidenciar as postagens mais recentes. Diferentemente do que acontece nos sites onde as notícias, textos e afins estão organizados de acordo com o que o editor quer destacar e dispostos de modo que o leitor, através dos links, as acesse, no blog, contudo, as postagens ficam “empilhadas”. Assim, as mais antigas ficam na parte debaixo dessa “pilha de postagens”, podendo ser acessadas através da barra de rolagem ao lado da página, enquanto que as recentes encontram-se no topo para serem facilmente encontradas, lidas e, principalmente, comentadas. A figura a seguir foi retirada do blog “Vida no Campo” – no qual a autora de livros infanto-juvenis Índigo retrata as experiências vividas por ela ao deixar a cidade para viver em um sítio – para mostrar a forma como as postagens costumam ficar organizadas, ou seja, uma acima da outra, sendo a de cima sempre a mais recente.



Figura 10 – Imagem do blog “Vida no Campo” (<http://diariodaodalisca.blog.zip.net>)

Além disso, com os *feeds* o leitor toma conhecimento das atualizações sem sequer precisar acessar a página e, assim, pode escolher somente os ambientes atualizados para realizar sua leitura. Para reforçar ainda mais o foco na atualização, em todos os blogs as postagens são marcadas com a data e a hora exata de sua publicação. Essas informações automaticamente são divulgadas para todos os “seguidores” do blog atualizado e, muito rapidamente, a notícia circula pela blogosfera. Tendo em vista que um blog só existe efetivamente se possuir leitores, pode-se afirmar seguramente que a constante publicação de *posts* só faz aumentar esse número. Entretanto, vale ressaltar que a importância das atualizações pode ser mais ou menos intensa, de acordo com a temática do blog. No caso de um blog humorístico ou literário, como é o caso do “Vida no Campo”, o fator “tempo” torna-se menos importante, uma vez que seu conteúdo não perderá a relevância ao longo dos dias, enquanto que para um blog jornalístico, estar atualizado é um dos principais critérios.

A constante atualização das postagens faz dos blogs um ambiente de leitura em constante mutação, quase como um “Livro de Areia”⁶ que apresenta um novo texto a cada vez que o abrem e, assim, enfeitiça seu leitor o qual está sempre a esperar uma surpresa de leitura. Diferentemente desse livro, porém, os blogs e suas postagens são páginas espalhadas e oferecidas a quem quiser lê-las. Mais do que isso, são páginas que continuam sendo escritas pelos leitores através dos comentários.

⁶ Conto publicado por Jorge Luis Borges, no ano de 1975, em livro homônimo.

2.1.3 Comentários

Quando Marcuschi afirma que é blogueiro tanto quem escreve regularmente em um blog próprio quanto quem lê blogs habitual ou eventualmente, entende-se que autor e leitor, embora aqui não se possam definir exatamente os papéis de cada um, possuem a mesma relevância dentro da blogosfera, de modo que postagens e comentários também possuem essa equivalência de valor. Isso porque os blogs, bem como a grande maioria dos ambientes virtuais do ciberespaço, são espaços de intensa atividade interativa, ou seja, todos que quiserem podem participar da construção dos mesmos. No caso dos blogs essa interação acontece justamente por meio dos comentários.

Abaixo de cada postagem publicada pelo “dono” do blog – se assim considerado – há um link que possibilita a qualquer pessoa escrever um comentário que poderá ou não passar por uma avaliação do autor da postagem, e, posteriormente, ficará disponível a todos os demais leitores da página. Os comentários, bem como o espaço para escrevê-los, estão ocultos sob o link que ao ser clicado revela-os ou em uma listagem abaixo do texto principal ou em uma nova janela, como no exemplo a seguir do blog de crônicas “Cadernos de Vidro”, escrito por André Laurentino.



Figura 11 – Imagem da página de comentários do blog “Cadernos de Vidro” (www.andrelaurentino.blogspot.com.br.)

Nas leituras tradicionais em meio impresso, por mais que o leitor escreva sua opinião e comentários nas bordas da página, essas anotações ficarão sempre restritas a ele, já nos blogs

elas tornam-se públicas e a sua opinião é vista, considerada e, por vezes, debatida por outras pessoas cujos interesses coincidam. Ademais, os comentários são um contato direto com o autor do texto que pode, inclusive, ser questionado sobre o que escreveu e responder ao seu leitor, seja por comentário, em uma nova postagem ou em outra forma de contato que divulgue como o *e-mail*, por exemplo. Veen e Wrakking (2009, p. 56) dizem que “os blogs são como novos livros, contendo o número do celular do autor, com um ‘ligue-me’ ao final do texto”. Em geral, porém, o autor responde por meio de comentários para que todos os envolvidos na discussão tomem conhecimento de sua réplica.

Os comentários são como um novo texto, ou uma continuação do mesmo, sendo construído coletivamente por múltiplas e intercaladas vozes que também querem dar a sua contribuição para a discussão do tema tratado ou, simplesmente, querem registrar sua opinião sobre o assunto ampliando a discussão. Mesmo que o número de visitantes seja alto e possa estar registrado em contadores, a principal marca de envolvimento dos leitores com os textos publicados são os comentários, verdadeiros termômetros da repercussão de um blog. Além disso, um número elevado de comentários sempre acaba por divulgar e atrair mais leitores.

A natureza dos comentários pode ir desde uma singela parabenização ao autor até uma discussão em torno de determinadas questões. Na grande maioria dos casos eles são escritos, como diz Marcuschi (2004, p.63), com uma “linguagem em estado natural de produção”, isso porque são textos escritos espontaneamente logo após a leitura, relatando rapidamente as primeiras impressões sentidas pelo leitor/autor tão logo tenha tomado conhecimento do conteúdo da postagem. Nessa parte, sim, se percebe uma tendência maior a abreviações, a neologismos que indicam emoções e uso de sinais de pontuação como forma de expressões.

Entretanto, a informalidade dos comentários depende muito da temática do texto, bem como de certo reconhecimento que o leitor possa, eventualmente, sentir em relação ao autor da postagem, aproximando-se, assim, ainda mais de um tom de fala. Nos blogs cujas temáticas sejam sobre temas menos reconhecidos culturalmente, como os de jogos e piadas, por exemplo, a linguagem costuma ser mais solta e descomprometida com a norma padrão, já em blogs de conteúdos considerados mais sérios, como economia, artes ou mesmo literatura, percebe-se um cuidado maior dos leitores com a ortografia e a pontuação dos comentários.

Os autores dos comentários tendem a adequar-se à temática e ao estilo de cada blog. O mesmo leitor pode postar comentário em distintos padrões linguísticos, conforme lhe pareça mais adequado. Isso porque, ao postar um comentário, ele estará mostrando-se e, mesmo que a identidade que ele use em rede seja fictícia, ele não quer que essa sua exposição pareça ridícula aos outros leitores do blog. Tal adequação deve ser observada nos dois

sentidos, pois da mesma forma que um comentário com problemas ortográficos e excessos de abreviações parecerá inadequado em um contexto formal, também um comentário escrito com muito rebuscamento parecerá impróprio em um blog no qual tal cuidado não seja comum.

Como na blogosfera não há conceitos fechados, características observadas em relação às postagens são relevantes também quando se fala a respeito dos comentários, fato que, de certa forma, é esperado, uma vez que ambos fazem parte de um todo, o blog e atuam de maneira conjunta. Assim, a colocação de Xavier quanto à forma de comunicação assíncrona dos blogs pode ser revista também em relação aos comentários, os quais são o que efetivamente assegura o caráter comunicativo do blog. Por serem parte, portanto, de um ambiente de comunicação assíncrona entre autores e leitores, os comentários podem ser postados em qualquer tempo enquanto o texto estiver disponível, demandando, assim, uma relação de interação não necessariamente imediata. Uma vez realizada a postagem, ela poderá ser comentada tanto nos minutos seguintes, quanto no dia seguinte ou em outros subsequentes, porém, de forma geral, a possibilidade de postagens antigas serem comentadas pelos leitores diminui muito à medida que novas postagens são publicadas.

A multilateralidade é outro aspecto levantado por Xavier em relação à forma de comunicação dos blogs. Segundo ele, essa característica permite que os comentários sejam produzidos por muitos leitores/autores indistintamente, salvo ocasiões em que os comentários necessitam passar por uma prévia aprovação do “dono” do blog. Essa avaliação ajuda a evitar que conteúdos criminosos ou ofensivos sejam publicados, embora as críticas, normalmente, sejam bem aceitas pelos autores como forma de mostrar todas as opiniões sobre o assunto. Dessa forma, a multilateralidade amplia muito o potencial de criação coletiva dentro do blog, pois todos que queiram podem participar das discussões.

Os blogs mostram, a cada novo dado divulgado por pesquisas que medem a sua proliferação, que são, efetivamente, ferramentas importantíssimas para a criação e divulgação de informações com potencial para transformarem-se em aprendizado. O amplo número de leitores cativos e o alto grau de envolvimento destes reiteram essa constatação e suscitam a investigação das características que ocasionam tal fenômeno a fim de que se possam traçar quais são os principais interesses despertados nos leitores, em especial nos jovens leitores. A segunda parte desse capítulo busca sanar essa dúvida e, ainda, precisar quais são os principais atrativos dos blogs através de suas qualidades mais conhecidas.

2.2 Principais pontos de encantamento

A famosa frase proferida por Descartes, no século XVII, “Penso, logo, existo”, para explicar que a capacidade de pensar é o que verdadeiramente comprova a existência de um ser, ganhou, na blogosfera, uma versão parodiada recorrente na escrita de muitos blogueiros: “Penso, *blog*, existo”. A corruptela das palavras de Descartes lançadas na web por um autor desconhecido e amplamente divulgada na blogosfera como, por exemplo, no blog de poesias “Penso.Blogo.Existo”⁷, de Igor Lucas Adorno Santos, entre muitos outros espaços que usam essa expressão em seus textos, pode ser interpretada de duas formas, ambas muito significativas no sentido de demonstrar a importância dos blogs para quem os mantém e de apontar alguns dos motivos que os tornam tão encantadores aos olhos do público leitor. Pode-se entender, portanto, a partir dela, que só quem pensa, bloga e, assim, afirma ou reafirma sua existência. Ou, ainda, só quem pensa e bloga, existe verdadeiramente.

Embora possam parecer comparações exageradas e a paródia filosófica dos blogueiros não possua nenhum respaldo teórico, a frase demonstra um pouco da relação desses com seus textos. “Penso, *blog*, existo”, mesmo sendo um enunciado ambíguo, deixa clara a relação do ato de “blogar” com os verbos “pensar” e “existir”. Isso significa dizer que, para o blogueiro, o blog funciona como um canal de divulgação do seu pensamento por meio do qual ele reafirma sua existência. Além disso, a expressão dos blogueiros direciona essa pesquisa à análise dos principais pontos de encantamento identificados nos blogs a partir de observações feitas pela pesquisadora com vistas a perceber as ferramentas mais utilizadas, as maiores tendências, bem como a maneira como blogueiros ou blogueiros leitores se comportam nesses espaços. Assim, foram percebidos e apontados os seguintes: popularização do conceito de autoria; espaços de coletividade; envolvimento pessoal; múltiplas semioses; e relevância na mídia.

2.2.1 Popularização do conceito de autoria

O surgimento dos blogs na década de 90 e, mais especificamente a sua rápida disseminação e elevada aceitação dos usuários da internet, no início deste século, permitiram que o *status* de escritor – outrora reservado a poucos ilustres – passasse a pertencer, junto com características como a de detentor de conhecimentos, a qualquer pessoa disposta a publicar

⁷ <http://iglucadorno.blogspot.com>

seus textos e opiniões na blogosfera. Os blogs, conforme explica Komesu (2004, p. 112), em grande parte dos casos, são ferramentas utilizadas por “pessoas consideradas comuns porque não exercem quaisquer atividades que lhes deem destaque social, a não ser o fato de possuírem um blog na rede”, motivo ao qual pode ser atribuído o desencadeamento da mentalidade que vê nesses espaços uma forma de existência. Ter um blog, nessa concepção, significa ser alguém, possuir autoridade e identidade em um contexto cada vez mais valorizado, o virtual. A “existência” possibilitada por eles, portanto, não é um existir para si, mas um existir para o outro, uma forma de ser visto, reconhecido e, também, de afirmar sua capacidade intelectual.

Os blogs, por meio da facilidade de uso de seus recursos e gratuidade dos serviços, popularizaram a noção de autoria e deram liberdade para que incontáveis escritores pudessem publicar seus textos sem necessitar do prévio reconhecimento e da burocracia das editoras. Segundo Xavier (2009, p. 218),

Com a Internet, o “Olimpo editorial”, cuja entrada só é permitida aos deuses da tipografia gutenberguiana, é dissolvido. Consequentemente essa dissolução possibilita que outros homens, também sensíveis intelectualmente, possam, no embate das interlocuções, fazerem-se ouvir, ouvirem outros e coletivamente se autopromoverem enquanto sujeitos de linguagem.

Embora a afirmação de Xavier se refira à internet de modo geral, os blogs podem ser encarados como um dos mais utilizados e importantes recursos disponíveis na web para a publicação dos textos. Na blogosfera, porém, esse processo acontece na ordem inversa ao das publicações em meios tradicionais, pois nos blogs o sujeito primeiro publica e depois, caso mereça, obterá reconhecimento perante o público, o qual, conforme Hewitt (2007, p.140), é o próprio editor da blogosfera e quem determinará a relevância de cada blog. O autor esclarece essa questão ao comentar que não basta criar um blog, a atenção ao que é dito nele precisa ser conquistada, pois essa é a condição para que a pretensão de ser notado na rede seja alcançada.

Para tanto, o blogueiro deve atender a uma série de expectativas de um público leitor que, assim como ele, está acostumado com as particularidades da leitura na internet que, entre outras coisas, lhe permite o contato com textos em múltiplas linguagens e acessíveis a qualquer pessoa conectada à rede no instante de sua publicação. Tais expectativas podem ser em relação a critérios como atualidade, dinamismo do texto, gosto e interesse de determinados perfis de leitores, por exemplo, pessoas interessadas por futebol, informática, literatura, entre outros.

Há, assim, inúmeras formas para o blogueiro, mediante o seu esforço, conquistar um espaço de destaque entre tantos usuários. Para Lévy (1999, p.128) “a recompensa (simbólica) vem, então, da reputação de competência que é constituída a longo prazo na ‘opinião pública’ da comunidade virtual”, mediante a publicação de textos que sejam capazes de cativar e convencer os leitores. No caso dos blogs, o trabalho de escrita, por mais “solta” que seja a linguagem ou o tema utilizado, é um trabalho laborioso e manter uma disciplina de postagens regulares exige muito de seus autores que precisam dedicar-se a escritura, bem como possuir um bom plantel de assuntos para publicar. Além disso, as atividades na internet são volúveis e múltiplas. Em geral, quem mantém um blog também mantém outros perfis em outros locais da web, com os quais necessita dividir seu tempo. Assim, somente pessoas com alguma competência conseguem efetivamente manter um blog em atividade. Se por um lado essa pode ser uma das causas do alto índice de abandono dos blogs, por outro aponta para o fato de que os que estão em atividade possivelmente sejam bons, o que, de certa forma, ajuda na construção do reconhecimento do blogueiro. Hewitt (2007, p.140), nesse sentido, explica que “a credibilidade dos blogs depende de sua atualidade e precisão, mas invariavelmente a qualificação dos blogueiros também tem importância”.

O conceito de autor, porém, possui algumas variações na blogosfera, de modo que tal não se restringe necessariamente apenas à pessoa que escreve regularmente em um blog próprio, mas a qualquer pessoa que participe ativamente desse meio. Em princípio, todo blogueiro é um leitor que chega à blogosfera por acaso ou por conhecer algum(s) blog(s) de seu agrado e, ao postar comentários, torna-se também autor naquele contexto, dividindo esse título com todos os demais participantes. Ao opinar sobre as postagens de outro, ele também cria seus próprios textos e publica-os em um espaço que, embora não organizado por ele, precisa de sua participação para enriquecer. A participação recorrente em um blog ou em um grupo de blogs, desde que verdadeiramente identificado, pode tornar suas ideias reconhecidas e valorizadas pelos demais “frequentadores” desses espaços, inclusive pelo “dono” do blog, com o qual se pode debater diretamente.

As facilidades proporcionadas pela blogosfera, no sentido de dar voz a quem não teria outra forma de obtê-la, acaba, por consequência, revelando talentos seja pelas novidades do que apresenta, pelas opiniões que manifesta ou mesmo pela forma como escreve. É o caso, por exemplo, do professor de língua portuguesa Sinval Farias que encontrou no blog “Língua Afiada”, ilustrado a seguir, espaço para publicar seus contos que já foram, inclusive, premiados em concursos.

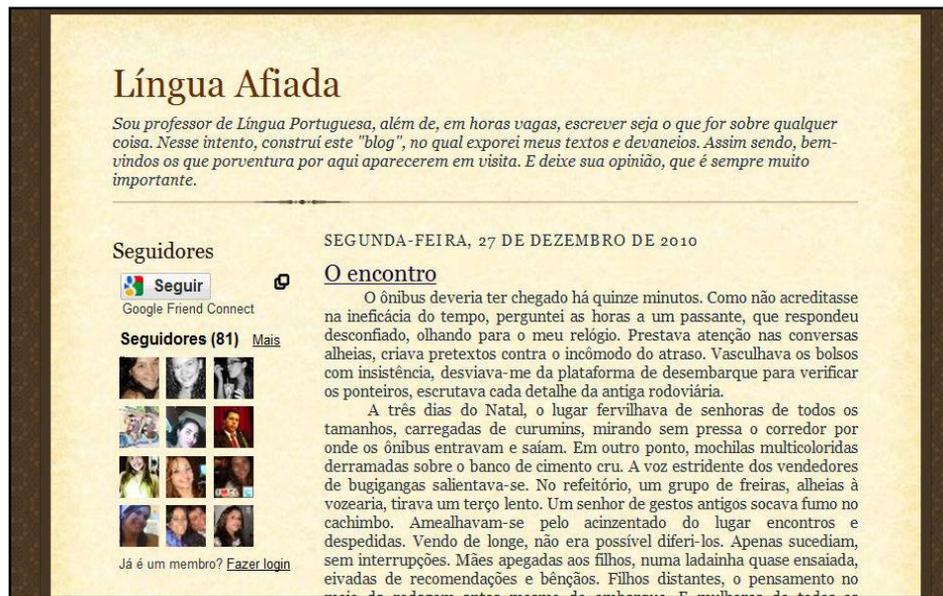


Figura 12 – Imagem da página do blog “Língua Afiada” (<http://profsinvalfarias.blogspot.com>)

A popularização do conceito de autoria acontece, porém, em virtude de outro fator essencial para a blogosfera ter alcançado as proporções que possui hoje podendo contar aos milhões o número de blogs existentes, a construção coletiva, próximo ponto de encantamento a ser analisado.

2.2.2 Espaços de coletividade

Se a figura do autor deixou de ter relação com a noção de autoridade intelectual, isso decorre do fato de que o espaço de publicação dos textos está muito mais acessível. As facilidades de participação que aumentaram consideravelmente desde o surgimento dos blogs serviram para firmá-los como espaços de construção coletiva, característica que se efetiva através dos comentários.

Inseridos logo abaixo dos textos postados, os *coments*, como são chamados pelos seus usuários, podem, a princípio, parecer apenas mais um elemento, porém são parte fundamental dos blogs. Embora haja, por detrás de cada blog, alguém que determina os textos que serão publicados, as temáticas abordadas, o design, os links, entre outros, há também os demais usuários da blogosfera que podem, a qualquer momento, acrescentarem seus próprios textos através de comentários. Em outras palavras, o blog pode ser entendido como um hipertexto que possibilita ao leitor mais do que “escolher caminhos de leitura”, possibilita “criá-los” e

dialogar diretamente com a produção textual do “dono do blog”, bem como com a dos demais leitores/autores de tal ambiente.

As atividades de leitura e escritura promovidas pelos blogs são, antes de tudo, prazerosas e envolventes mesmo para aqueles que fora desse contexto não as consideram dessa forma. Isso porque o blog agrega pessoas de acordo com afinidades e interesses comuns oportunizando espaços de discussão que, talvez, os usuários não encontrem em suas vivências fora da rede. Como na blogosfera as distâncias geográficas e sociais parecem não existir, o blogueiro pode descobrir pessoas além de seu círculo de convivências diárias que possuem os mesmos interesses e com as quais pode conversar, trocar ideias e agregar conhecimentos.

Livre de segregações, os blogs comportam todas as formas de expressão e posicionamentos críticos de modo a contribuir para a manutenção e construção de um dos principais atrativos da blogosfera: a reunião de várias vozes em um mesmo espaço. Mais do que uma possibilidade, a intervenção que o leitor pode realizar através dos comentários é um condição para a efetiva atividade e importância dos blogs. Muito de sua popularidade deve-se à possibilidade de participação quase irrestrita de seus usuários e da valoração dessas participações que não são meramente uma função, mas a forma como os conteúdos publicados alcançam seu significado. Manifestações monológicas de autores consagrados que não devem ser deturpadas pelas opiniões de “meros mortais” podem ser encontradas em muitos outros lugares, mas não na blogosfera onde inúmeras mãos teclam, clicam e constroem em conjunto o conteúdo que será de todos. Além do mais, qualquer um que escreva em um blog, por meio de comentários ou por postagens, quer uma resposta à sua fala. Na blogosfera, tão importante quanto poder expressar-se é conhecer a expressão do outro, seja para ser julgado por ele ou somente para conhecer e avaliar a opinião do outro.

A postura assumida pelos blogueiros baseia-se em uma relação dialógica e de mútua cooperação que, para Xavier (2009), contribui diretamente para que os usuários se autopromovam coletivamente enquanto sujeitos de linguagem. Isso só é possível, porém, graças ao modelo de comunicação multilateral desenvolvido na rede e na blogosfera por consequência, que ajuda a criar uma via de circulação constante de textos da qual todos os interessados podem usufruir. Os blogueiros, mais do que divulgarem seus próprios textos, divulgam os dos colegas, o que pode ser feito através de links, de comentários ou mesmo de recomendações feitas diretamente nas postagens, o que potencializa infinitas vezes as chances do blog divulgado agregar mais leitores e repercutir na rede com mais intensidade.

O exemplo a seguir é do blog do cronista gaúcho Fabrício Carpinejar, no qual o autor costuma publicar textos inéditos e também alguns dos que publica em sites ou no jornal Zero

Hora, de Porto Alegre. Embora seja necessário considerar que Carpinejar é alguém já conhecido pelo público em razão de outros trabalhos, seu blog agrega mais de quatro mil seguidores, fato relevante mesmo para pessoas que alcançaram certo reconhecimento nas mídias.

A imagem a seguir, recortada do blog “Carpinejar”, mostra a página de comentários da postagem feita pelo autor no dia 24 de novembro de 2010, intitulada “Cuidado com o que ela sonha”. Resumidamente, o texto conta a forma como a namorada do autor acordou revoltada após ter sonhado que tinha sido traída. Ao todo, como se pode visualizar abaixo, a postagem recebeu 39 comentários.



Figura 13 – Imagem da página do blog “Carpinejar” (<http://carpinejar.blogspot.com>)

Além dos registros feitos por leitores que apenas parabenizam ou dizem ter se identificado com o texto, destacam-se, por exemplo, nesse blog, comentários como o postado pela leitora “Nívea Flor” que traz o trecho de uma música do cantor “Leoni” para dialogar com a postagem, compartilhando, assim, com os demais a leitura intertextual que realizou. Da mesma forma o leitor Antonielson Souza, traz uma nova crônica extraída de seu blog pessoal “Vozes Literárias” que também serve para ampliar o texto publicado e, ainda, pode direcionar os interessados a outras leituras semelhantes. Há, ainda, comentários de pessoas que relatam ter vivido situações semelhantes à narrada e contam as distintas reações que tiveram.

Como se vê, a participação de todos amplia o conteúdo publicado pelo blogueiro, oferecendo possibilidades de leitura em caminhos não previstos, inicialmente, pelo autor da postagem. Os comentários possibilitam, assim, a troca de experiências e, dependendo do conteúdo publicado, troca de informações entre os usuários. Lévy explica que o próprio

ambiente virtual fomenta o surgimento de espaços de coletividades impulsionados pelo crescente desejo dos usuários da rede de envolverem-se com atividades de “comunicação recíproca e inteligência coletiva” (LÉVY, 1999, p. 158), características potencializadas ainda mais nos blogs. Segundo ele, com o advento das novas tecnologias, a humanidade caminha para uma sociedade na qual as relações de aprendizado e de troca de conhecimento serão realizadas mediante situações como as vivenciadas pelos usuários da blogosfera, através do compartilhamento colaborativo de ideias.

Blogar, portanto, não é uma atividade individual, seja para quem mantém um blog próprio ou para quem apenas lê blogs de outras pessoas. O foco nunca é a brilhante participação de um único autor tido como autoridade, mas o brilho da participação de todos que se juntos ensinam, juntos aprendem, conhecem e dão a conhecer.

A participação coletiva acontece graças à possibilidade que os blogs têm de interagir, fato que, para Xavier, envolve a fusão de dois conceitos que na rede podem ser considerados como sinônimos: interação e interatividade. O autor explica que a interatividade é a relação “homem-máquina, isto é, o intercâmbio do homem com a tecnologia” (2007, p. 34), enquanto que a interação é a “relação humana que ocorre entre pelo menos dois sujeitos que agem reciprocamente em resposta à fala um do outro” (XAVIER, 2007, p. 34). Contudo, na blogosfera, bem como no restante da rede, não há como definir com precisão tais envolvimento, pois

a intimidade dos usuários com os recursos tecnológicos [...] tem alcançado níveis de integração tão elevados que talvez eles nem percebam a diferença entre interagir com outros sujeitos mediados pelo computador remotamente e interagir meramente com um programa de computador. (XAVIER, 2005, p. 35)

Ainda para Xavier, o mais adequado seria usá-las como sinônimo, pois não há como delimitar com exatidão as atividades comunicativas dos sujeitos nesse meio. O que se pode afirmar é que, na blogosfera, o termo interagir engloba suportes, sujeitos e todas as formas possíveis de comunicação entre elas, fato que não deixa de suscitar emoções e envolvimento entre os usuários desses espaços, circunstância que corresponde ao próximo ponto de encantamento a ser analisado.

2.2.3 Envolvimento pessoal

A visão de uma pessoa solitária sentada à frente de um computador realizando apenas pequenos movimentos corporais pode, equivocadamente, transmitir a impressão de monotonia e passividade para alguém que queira, observar as reações do usuário da internet. O contato com os demais, que acontece em uma instância não física, também pode colaborar com o pensamento de que exista frieza nas relações desenvolvidas na web. No entanto, como ressalta Lévy (1999, p.128) “longe de serem frias, as relações *online* não excluem as emoções fortes”. Isso ocorre porque, embora mediados por máquinas, o meio virtual não deixa de ser uma forma de troca de informações entre sujeitos que, conforme seus interesses, buscam na web páginas eletrônicas sobre os mais diversos assuntos e estabelecem entre si diálogos sobre suas preferências ou mesmo sobre suas divergências.

Particularizando a discussão para a blogosfera, pode-se afirmar que os blogueiros, em grande parte dos casos, desenvolvem um forte envolvimento com esse meio no qual eles se identificam e do qual são parte integrante e ativa. Nela, o blogueiro pode participar ou criar espaços de reivindicação, denúncia, debates, exaltações, novidades, sugestões, entretenimento, autoajuda e inúmeras outras situações que, em geral, estão impregnadas de motivações pessoais surgidas não só na blogosfera, mas em qualquer circunstância de sua vida. Em muitos casos – e aqui a discussão recai sobre aspectos psicológicos os quais, por desconhecimento de causa, serão tratados superficialmente neste estudo – os blogs são meios usados também para alcançar algum tipo de compensação afetiva, desabafos e principalmente de liberdade de expressão, tal como os diários pessoais nos quais foram inspirados. Exemplo disso é o blog ilustrado a seguir, escrito pela advogada Aline Leal Fontanella, “Blog da Ali”, para falar de suas experiências pessoais e dos sentimentos das mulheres que, como ela, chegaram aos 30 anos de idade e - conforme palavras da própria autora - “querem ser ‘super-tudo’ [sic], mas [...] acabam só ‘super estressadas’[sic]”.



Figura 14 – Imagem da página do blog “Blog da Ali” (<http://alinefontanella.blogspot.com>)

São comuns, também, blogs de pessoas que fazem relatos de suas viagens, de pessoas que querem emagrecer, de outros que perderam entes queridos e encontram nos blogs uma forma de desabafar e compartilhar experiências e, ainda, de sujeitos que, por algum motivo, sintam-se excluídos em sua vida social. A blogosfera, com seu imenso número de usuários, pode sempre promover encontros interessantes entre aqueles que possuam alguma afinidade, bem como suprir, por exemplo, a necessidade de expressar-se. Nos blogs, a comunicação com pessoas que o respeitam e o consideram simplesmente porque gostam do que ele escreve, apesar de não ser obrigatoriamente conhecido na mídia tradicional, pode se refletir na própria personalidade do blogueiro e na sua vida fora da rede, tornando-o mais confiante em relação a suas ideias e, inclusive, mais crítico em relação às situações com as quais se defronta.

A blogosfera, bem como todo o ambiente virtual – de certa forma – propicia a seus usuários uma sensação de liberdade para expressar-se sem constrangimentos, pois como o contato estabelecido mostra “rostos” apenas digitalmente isso pode causar uma ideia de proteção que pode ser potencializada, ainda, com a criação de um personagem na rede. A escritora Lúcia Carvalho, por exemplo, criou para seu blog “Frankamente”⁸, uma personagem chamada “Franka” inspirada em uma personagem de histórias em quadrinhos holandesa. A Franka dos quadrinhos era uma detetive jovem e bonita que resolvia casos, em geral, ligados ao mundo das artes. No blog, a investigadora empresta para a blogueira a ousadia que lhe faz

⁸ <http://www.frankamente.blogspot.com>

publicar textos escritos com uma boa dose de humor e, como o próprio nome do blog sugere, de franqueza.



Figura 15 – Imagem do blog “Frankamente” (<http://frankamente.blogspot.com>)

Assim, a blogosfera, para muitos, pode ser como outra vida, ou como outro mundo no qual é possível até assumir uma nova personalidade ou mesmo assumir a sua verdadeira. Por detrás da tela do computador e da máscara de um perfil fictício o sujeito pode livrar-se da timidez, do preconceito ou de qualquer amarra que a relação presencial com alguém pode lhe trazer, o que para a atividade blogueira não acarreta malefício algum, salvo casos em que tal recurso é usado para fins ilícitos. Lévy (1999, p.129), porém, ressalta que

As manipulações e enganações sempre são possíveis nas comunidades virtuais, assim como o são em qualquer outro lugar: na televisão, nos jornais impressos, no telefone, pelo correio ou em qualquer reunião em ‘carne e osso’.

Veen e Wracking (2009, p. 56), nesse mesmo sentido, afirmam que “os novos usuários imergem no mundo eletrônico integralmente, criando sua identidade online, de modo que os ‘eus’ virtuais se misturem e espelhem sua *persona* da vida real.” Além disso, “[...] a total liberdade de palavras é encorajada e os internautas são, como um todo, opostos a qualquer forma de censura” (VEEN; WRAKING, 2009, p. 56), embora haja uma espécie de ética, a qual Lévy chama de *netiqueta* que regula o comportamento dos usuários da web e não

costuma aceitar abusos e, tampouco, incentiva o anonimato em que os criminosos costumam esconder-se.

O perfil criado na blogosfera, mesmo que seja fictício, é reconhecido na rede e possui sua própria reputação que deve ser preservada para que continue agregando leitores para o blog e prestígio para o blogueiro. Vale ressaltar que a busca por prestígio é um dos principais motivos de adesão dos usuários aos blogs, pois estes podem ser impulsionadores das atividades desenvolvidas pelo blogueiro tanto dentro quanto fora da tela quando, por exemplo, alguém o cria com a intenção de divulgar seus negócios, estudos, experiências, textos, entre outros, alcançando, com isso, uma popularidade e um reconhecimento que, de outra forma, dificilmente conseguiria. Fatos assim estimulam as postagens e reafirmam o valor desses espaços dentro da rede.

Outra característica que favorece o envolvimento dos sujeitos com os blogs deve-se ao fato de que a participação dos sujeitos se dá, antes de tudo, por interesses pessoais sobre os quais ele busca mais informações na web, de modo que é comum, inclusive, a formação de pequenos grupos de usuários, em geral seguidores do blog, que costuma se manifestar com certa regularidade naquele espaço, bem como costumam “trocar visitas” entre blogs de temáticas semelhantes. Tal recorrência pode ser observada no blog de crítica literária mantido pelo músico e poeta gaúcho Ricardo Silvestrin, Poesia Alheia, reproduzido abaixo.



Figura 16 – Imagem da página do blog “Poesia Alheia” (<http://silvestrin.blogspot.com>)

O blog possui um grupo de 75 seguidores, dos quais alguns como “Pedro”, “Anorkinda”, “Carmem”, e outros, participam seguidamente do blog comentando as postagens e estabelecendo diálogos que revelam certa “proximidade” tanto em relação ao dono blog, quanto entre os leitores. Um comentário curioso que pode dar uma ideia sobre o tom do diálogo e do envolvimento estabelecido entre os frequentadores do blog é o postado no dia 12 de abril de 2010, pelo usuário identificado como “Hermes”, que diz: “Bah, me senti como se estivesse sentado num café "ouvindo" essa conversa pra lá de bacana. Vai um expresso, aí? Muito bacana o diálogo!”. Percebe-se nas palavras do leitor a afinidade de suas preferências com o conteúdo publicado no blog, o qual o levou a sentir-se como em um encontro de amigos. Obviamente, há casos em que as pessoas já mantinham ou passaram a manter contato fora da blogosfera, mas há muitos outros de pessoas que a aproximação virtual entre os sujeitos acontece por meio de diálogos estabelecidos em seus blogs preferidos. Fomenta, ainda, a aproximação entre os mesmos, as intervenções constantes do blogueiro que, praticamente, não deixa de responder os comentários recebidos em seu blog e não com menos familiaridade do que a demonstrada pelo leitor no comentário acima citado.

Os blogs, portanto, além de uma forma de exposição pessoal na web que lhes assegura a sua “existência” como ser pensante e importante, são um ponto de encontro entre sujeitos com interesses e gostos comuns e que podem estabelecer entre si, por meio de textos, vínculos firmados a partir de suas afinidades. Em virtude disso, o blogueiro busca criar uma boa impressão sobre si, ao mesmo tempo em que se vale dos muitos recursos disponíveis para que os blogs possam ser espaços de textos dinâmicos capazes de cativar o público leitor, recursos como, por exemplo, o uso de distintas linguagens, conforme será visto no item a seguir.

2.2.4 Múltiplas semioses

O termo semiose, usado por Pierce para tratar da Semiótica, refere-se a qualquer fenômeno que se apresente à consciência humana e nela adquira caráter sógnico, ou seja, que produza significados. O teórico, em um estudo inovador para sua época, foi o responsável se não pelos primeiros, pelos principais passos no caminho do entendimento de que os signos ocupam outros formatos além do verbal, podendo ser também, imagens (móveis ou estáticas) e sons.

A expressão “múltiplas semioses” é empregada no contexto da blogosfera, portanto, porque define o fato dos blogs comportarem, em um único espaço, significados produzidos

por sua linguagem hipermediática: texto, imagem e som. Essa característica contribui para o sucesso do gênero na medida em que oferece uma leitura rápida, alinear, instigante e consonante com a capacidade dos leitores de captarem simultaneamente sentidos produzidos por distintas formas sógnicas.

Para alguns estudiosos como Rettenmaier (2009, p.73), a evolução tecnológica que transformou os suportes de leitura ocasionou também “[...] uma circunstância renovada da cultura e da cognição humana”. As inovações que a informática trouxe para a leitura, especialmente no que se refere à disseminação de textos na internet, criaram novas circunstâncias de relacionamento entre os indivíduos, mudaram a noção de conhecimento e a forma de adquiri-lo e, ainda, instauraram novas práticas no cotidiano as quais seriam inconcebíveis sem a tecnologia. Termos como instantaneidade, interatividade, conectividade, tornaram-se corriqueiros nessa sociedade cujos indivíduos são aptos a absorver, interpretar e responder com propriedade a uma “enxurrada” de textos a que estão expostos quando no ambiente virtual. Com isso, a leitura, que antes exigia a concentração em um único foco, passou a comportar um mosaico de textos que se afastam – em virtude de seus distintos formatos – e se complementam ao convergirem e formarem uma visão ampliada do termo abordado.

Habitual e inconscientemente, o sujeito realiza a leitura de múltiplas semioses desde antes do surgimento do computador, pois possui aptidão cognitiva nata para compreender os signos em vários formatos. Já na infância o sujeito desenvolve essa capacidade e vale-se disso para desvendar o mundo à sua volta interpretando imagens, sons e verbos e produzindo, também, seus próprios modos de expressão. A inovação apresentada pelos textos em meio digital e, nesse caso, pelos blogs, não está, portanto, nas linguagens utilizadas, mas na convergência destas em um único espaço. Xavier (2009, p.134) explica que os modos de enunciação que até então eram vistos em separado “são amalgamados no digital [...] preservando cada um sua própria singularidade e potência sógnica”.

Assim, os recursos digitais externalizaram um modo de leitura e compreensão inerente que há muito estava oculto na forma do pensamento. A atividade interna da cognição passou a ser refletida e potencializada em ações de leitura e escritura junto ao computador, suporte que, tal qual um cérebro digital, aproxima-se do intelecto humano dado a sua capacidade de armazenar conhecimento em forma de texto multisemiótico.

Simulando em textos o próprio formato do pensamento, os blogueiros podem brincar com as possibilidades oferecidas pelo suporte digital e reunirem, no gênero que escrevem, elementos que se cruzam com a intenção de criar um espaço no qual os signos, em inquietas

combinações, encantem ao leitor (e a si próprio) oferecendo-lhe uma leitura diversificada e interessante. Por isso, nenhum elemento disponibilizado na página de um blog está ali por mero acaso, mas sim para produzir algum sentido ou efeito. Xavier (2009, p.197), ao avaliar a pertinência da linguagem visual e sonora convergidas no hipertexto, tece as seguintes considerações:

As imagens e sons deixam de ser adereços que ornamentam e delimitam artisticamente a escrita verbal, para se configurarem como elementos-fonte plenos de informação, base para a elaboração de sentidos com valor semântico e peso cognitivo, no mínimo, iguais aos das palavras.

As formas enunciativas visuais ganham, no hipertexto, o status de enunciados propositivos e extremamente significativos para a compreensão geral do que está posto na página web.

As colocações feitas pelo autor, embora se refiram a imagens inseridas dentro de um hipertexto, podem também ser observadas dentro do blog, considerando o todo deste como um amplo hipertexto. Um exemplo da articulação de linguagens realizada na blogosfera é o blog “Turma da Mônica Jovem” apresentado na imagem abaixo.

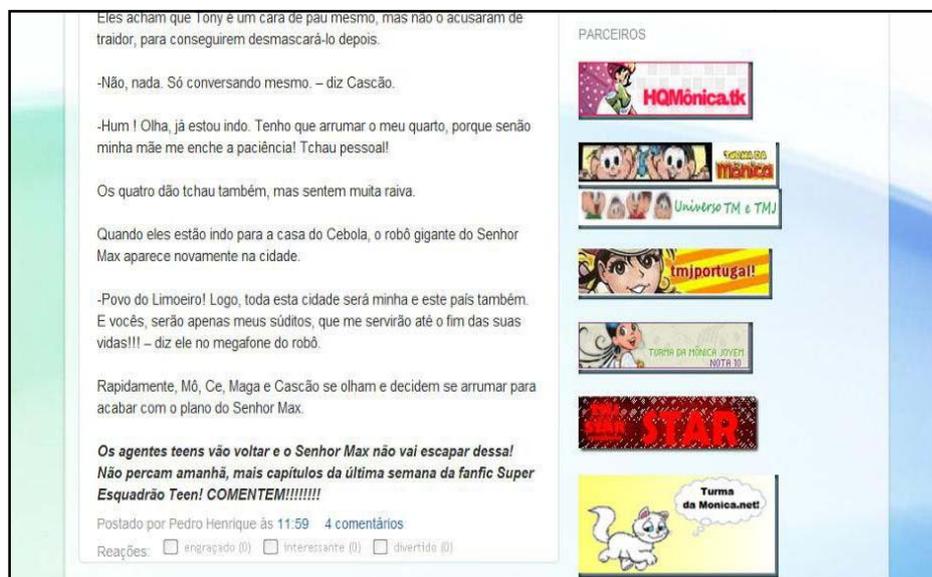


Figura 17 – Imagem do blog “Turma da Mônica Jovem” (<http://turmadamonicaajovemmania.blogspot.com>)

Ao centro da tela podem-se ver os textos em formato tradicional e o link dos comentários, à direita estão os demais links que, além de possuírem um formato bem distinto do usual, são animados e atualizados regularmente. Cores e movimentos convidam os leitores

a conhecerem outros conteúdos relativos ao tema geral do blog em páginas de sites nacionais e internacionais da chamada “Turminha”.

O mesmo blog apresenta ainda, como se pode ver na imagem seguinte, vídeos e mensagens instantâneas do microblog Twitter, as quais são constantemente atualizadas com as manifestações dos usuários.



Figura 18 – Imagem do blog “Turma da Mônica Jovem” <http://turmadamonicaajovemmania.blogspot.com>

O blog possui também ilustrações feitas e enviadas pelos próprios leitores, bem como outras imagens dos personagens que dão nome ao blog, além de histórias em quadrinho e vídeos de desenhos animados.

Já na terceira imagem, recortada do blog “Dobras da Leitura”, há, além do texto verbal, ilustrações, links internos do próprio blog, links de acesso ao perfil dos seguidores do blog e ainda os anunciantes. E tudo isso é texto, pois, conforme Smith (1999, p. 106), “nem tudo que lemos está escrito.”. Assim, mesmo os links e os anúncios possuem sua carga significativa própria que, de forma distinta, chamam a atenção do leitor oferecendo-lhe opções que possam suprir suas expectativas de leitura.

reconto: Silvana Salerno
Alice no país das maravilhas
 ilustrado por Cris Eich
 DCL, 2010

ISBN 9788536808611
 72p.

Porque as comparações são inevitáveis, torna-se perigosa e estranha a responsabilidade de ilustrar um clássico literário. Como revelar uma imagem que os olhos ainda não tenham visto? Desafio maior quando se trata de protagonizar traços e cores a partir de *Alice no país das maravilhas*! Não são poucas as re-edições ilustradas — e o subterrâneo do texto bem guarda diferenças e desentendimentos entre o escritor e John Tenniel, o primeiro a re-desenhar Alice a partir dos croquis de Carroll... Porém, tão próximos seus 150 anos, *Alice* já não é mais a mesma obra, nem a mesma criança! E como, a uma narrativa, acrescenta-se alguma fortuna crítica, o texto galopando sua própria metalinguagem, às imagens é possível conceber um intercurso de outras imagens. Vejamos sem demora: o que agora se acha na aquarela de Cris Eich?

ESCRITORES E ILUSTRADORES EM DOBRAS DA LEITURA O'BLOG

- Alcy
- Ana Maria Machado
- Ana Raquel
- Ana Terra
- Angela-Lago
- Anna Claudia Ramos
- Bartolomeu Campos de Queirós
- Caio Riter
- Cris Eich
- Cristina Biazetto
- Cárcamo
- Dave Santana
- Didier Lévy
- Elias José
- Elisabeth Teixeira
- Elma

Você encontra os livros aqui apresentados na

livr

Clique no banner ou nos títulos em azul.

Dobras da Leitura O'Blog agradece a

artes Oficinas

EDITORA BIRUTA

BRINQUE-BOOK

Caramelo

Figura 19– Imagem do blog “Dobras da Leitura” (<http://dobrasdaleitura.blogspot.com>)

A leitura em páginas que disponibilizam vários textos simultaneamente, como no caso dos exemplos acima e da grande maioria dos blogs, não acontece de maneira regrada e linear, o leitor estabelece nexos e constroi suas conexões voltando seu olhar aleatoriamente para os vários elementos presentes. O sentido da leitura nos blogs não se dá de acordo com a sequência em que os textos são apresentados ou lidos, mas no conjunto de ideias formado ao longo da leitura o qual pode ser tão diversificado quanto o número de leitores e pode possuir significados difusos entre os variados textos e as múltiplas semioses só à espera que o leitor os reorganize e construa sua própria leitura.

Os exemplos apontam também que, embora haja uma equivalência de valores entre as distintas linguagens utilizadas nos blogs, linguagens icônicas e verbais são as mais recorrentes. Pellegrini (2003, p.16) explica que a tendência ao uso da linguagem visual decorre do fato de que os “novos modos de ver o mundo e de representá-lo” são, sobretudo, visual[is] e de que estes incutiram definitivamente a linguagem icônica na cultura contemporânea. Muitos blogueiros, inclusive, desenvolvem códigos icônicos próprios para que o leitor possa selecionar mais facilmente as leituras que lhe interessam. Outros usam códigos convencionais da própria rede, tais como as palavras grifadas de azul para indicar os links, ícones de *feeds*, de arquivos de som, todos com a intenção de produzirem elementos significativos que norteiem os leitores durante sua atividade.

Nos blogs, mesmo os *layouts* escolhidos possuem significados intrínsecos e são escolhidos com a intenção de proporcionar ao leitor, já no primeiro olhar, uma ideia do

conteúdo temático da página. Blogs direcionados ao público infantil, por exemplo, costumam ser mais coloridos, já os blogs de política e jornalismo adotam maior sobriedade nas formas; os que falam sobre bruxos e vampiros (tendência entre os jovens leitores de Harry Potter e Crepúsculo, por exemplo), em geral possuem páginas pretas e imagens de símbolos mágicos. Tais associações só são possíveis porque o público leitor, de alguma forma, associa significados a essas imagens e antevê neles a “cara” do blog. Veen e Wrakking (2009, p.54) explicam que, na internet, “[...] ícones e símbolos contêm valor de informação e [...] as cores têm significado”, constatação que pode ser observada também nas postagens e nos links.

O uso da linguagem visual contribuiu para que os blogs caíssem de vez no gosto dos leitores, pois as imagens transmitem com rapidez e precisão os significados que carregam. De acordo com Pellegrini (2003, p.28), “tudo está pronto para ser visto e não imaginado. Assim, tem-se a absolutização da imediatez da imagem, que opera de maneira totalmente diferente da imediatez da palavra”. Enquanto os significados suscitados verbalmente precisam ser imaginados, os das imagens aparecem imediatamente. O blogueiro, portanto, pode se valer dessa particularidade para, já no primeiro momento, despertar o interesse daquele leitor que passeia distraidamente “zapeando” por entre as páginas da internet buscando algo que lhe prenda a atenção.

Conforme explica Veen e Wrakking, os leitores da chamada geração Homo Zappiens, nativa da leitura em suporte digital, possuem grande facilidade para usar as distintas formas de linguagem, pois, antes mesmo de ler as letras, o Homo Zappiens lê as imagens e extrai delas seu significado. Ademais, conforme afirmação dos autores, “toda tela que veem [o Homo Zappiens] é colorida, tem imagens múltiplas em geral com som e movimentos, tais como os ícones piscantes, e, é claro, textos”. (2009, p. 53)

Na verdade, para as novas gerações, um texto que se difira do formato multisemiótico pode até parecer desinteressante, uma vez que já nasceram exercitando sua cognição interna e externamente, sem ter que adaptar seu olhar naturalmente múltiplo a um raciocínio unidimensional. Isso acontece não por questões de competência, mas em decorrência de possuírem mais familiaridade com os novos recursos tecnológicos, ao contrário daqueles que durante toda a vida foram “treinados” para lerem de forma linear, um texto de cada vez, concentrados em um único foco e, agora, possuem dificuldade para se adequarem às novas formas de leitura. Isso não significa que os leitores habituados ao suporte impresso não possam ler com competência no ambiente virtual, pois, como se viu, o raciocínio que o leitor realiza para ler um blog não difere muito daquele realizado corriqueiramente por todas as pessoas para compreenderem os múltiplos textos a que estão expostas nas tarefas mais

simples do seu dia a dia. Por exemplo, quando leem as ilustrações de uma propaganda, dos textos jornalísticos, ou interpretam os ruídos utilizados para criar o suspense em um filme, sem contar, ainda, a leitura tradicional.

Todo prazer que recobre a atividade de ler textos multisemióticos intensifica-se ainda mais nos blogs, porque neles o leitor pode mais do que ler, pode manipular essas linguagens. De posse das ferramentas digitais disponíveis, o blogueiro lê, escreve e publica textos num espaço em que, como diz Komesu (2004, p.113), “o escrevente pode expressar o que quiser na atividade de sua escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem o todo veiculado pela Internet”. E isso não é pouco. Com essa série de elementos disponíveis ao usuário, os blogs conquistaram o público e o desprezioso movimento inicial da blogosfera acabou alcançando vãos mais altos e conquistando um espaço de destaque, inclusive junto às mídias tradicionais.

2.2.5 Relevância na mídia

Os pontos de encantamento vistos até agora conquistaram para os blogs um expressivo número de leitores e criaram um espaço popular em crescente desenvolvimento cuja repercussão ultrapassou os links da blogosfera. A intensa movimentação da blogosfera no sentido de divulgar notícias, textos literários, fotos, vídeos entre outros, chamou a atenção das outras mídias que, rapidamente, descobriram nesta a possibilidade de estabelecer uma relação não de disputa, mas de complementaridade; mídias como televisão, rádio e jornal passaram a dar mais atenção às demandas de assuntos discutidos entre os blogueiros e incluí-los também em seus conteúdos. Além disso, vários grupos ligados aos meios de comunicação criaram seus próprios blogs como forma de aproximarem-se desse público que experimentou a possibilidade de interagir e, agora, já não se contenta mais em apenas receber informações passivamente sem poder também participar das discussões.

Assim, os blogs ganharam mais um elemento para cativar adeptos, a relevância na mídia, fato que, em uma relação recíproca e em cadeia, atraiu para o gênero ainda mais pessoas. Democrática, a mídia blogosfera se deixa habitar tanto por aqueles que almejam o reconhecimento quanto pelos que já o tem, não impondo restrições além da capacidade pessoal de cada um para estar em evidência.

Assuntos que começam na “blogosfera” espalham-se por toda a rede e podem repercutir, ainda, em outros meios de comunicação tais como as mídias impressas ou visuais formando

um círculo de incentivo e de divulgação mútua. Novelas, revistas, jornais, autores de livros mantêm seus blogs próprios e, assim, conseguem manter seus produtos e criações em destaque. Uma vez criada a rede de comunicação, cabe ao blogueiro conquistar seus leitores, os quais se encarregarão de divulgá-lo.

A roteirista e escritora de literatura infantil e juvenil Rosana Rios, por exemplo, mantém o blog “Espaço Rosana Rios” – que se encontra ilustrado abaixo – no qual publica regularmente notícias sobre seus trabalhos, publicação de livros, promove concursos para escolher nome de seus personagens, entre outras coisas, de modo que o blog torna-se uma janela de divulgação para as outras áreas em que atua fora da rede.



Figura 20 – Imagem da página do blog “Espaço Rosana Rios” (<http://rosana-rios.blogspot.com>)

Muitos fatores, além do número de usuários, entretanto, influenciaram para que efetivamente os blogs conquistassem esse espaço junto às mídias. O primeiro deles é a forma como os blogueiros estão em constante comunicação. A blogosfera, assim como a internet, está organizada tal qual uma rede, em que os nós (blogs) estão amarrados, por links, uns aos outros, o que permite que todos estejam conectados entre si e que se alcancem com o repetido gesto de um *clic*. Nessa rede as informações circulam muito rapidamente, mais rápido até que em outros meios, pois todos estão interligados. As informações e textos ficam disponíveis tão logo são publicados e já começam a receber a intervenção dos leitores por meio dos comentários. Veen e Wracking (2009, p.56) afirmam que, nos blogs, o usuário pode buscar qualquer informação e a encontrará sempre muito mais atualizada do que em qualquer outro

meio como um livro, por exemplo, que pode ficar desatualizado já antes mesmo de ser impresso.

A reunião de tantos atrativos em um único espaço não passou despercebido pelas outras mídias que trataram de aproveitar essa oportunidade e deixaram que os blogueiros (leitores-escritores) se aproximassem de seu círculo outrora tão restrito e o enriquecesse. Assim, emissoras de TV, como a Rede Globo, por exemplo, passaram a manter em seu site blogs escritos por atores, roteiristas, maquiadores, apresentadores, blogueiros já reconhecidos na web, entre outros. Ao todo são mais de 200 blogs “globais”, cujos links encontram-se reunidos na página da emissora, onde se encontram listados em ordem alfabética.



Figura 21 – Imagem da página “Bloglog”, que reúne blogs da Rede Globo de televisão (http://bloglog.globo.com/az_new.html)

O jornal gaúcho Zero Hora também adotou os blogs em sua versão online. É nestes espaços que os colunistas do suporte impresso publicam seus textos na versão digital, onde podem experimentar mais diretamente a repercussão dos mesmos junto a seus leitores.



Figura 22 – Imagem do espaço dedicado aos blogs na página virtual do jornal Zero Hora, de Porto Alegre (<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora>)

Mídias tradicionais como estas, além de publicarem conteúdos exclusivos nos blogs, os usam para antecipar notícias, anunciar novos livros, divulgar textos, promover enquetes, de modo que, com isso, conseguem, muitas vezes, criar com antecedência um verdadeiro frenesi em torno de alguma novidade a ser lançada e aumentar, ainda mais, sua popularidade e repercussão.

Contribui para o sucesso, também, o fato de que os blogs podem alcançar um status de confiabilidade frente a um público que, conforme Hugh Hewitt (2007), está aprendendo lentamente a selecionar e questionar as informações que lhe são apresentadas. O fato de a web ser um espaço livre onde não há um prévio julgamento sobre a veracidade do que é publicado, faz com que o leitor com algum conhecimento desse aspecto já assuma uma postura mais ativa. Em consequência disso, a pessoa com a ambição de trazer para seu espaço a insígnia da confiabilidade e assim encontrar algum reconhecimento na blogosfera – a qual, para Hewitt “é a mídia” (2007, p. 149), tem que publicar de forma responsável. Nesse ponto, blogs como os apresentados, já possuem alguma vantagem, uma vez que os internautas conhecem a procedência dos conteúdos publicados, embora, isso não signifique que não haja discordância de julgamentos.

Quando o assunto não é de cunho jornalístico, entretanto, o termo confiabilidade não precisa significar, necessariamente, veracidade, mas pode ser entendido como qualidade

estética, no caso dos blogs literários, ou qualquer outro termo pertinente ao tema abordado no blog. Ademais, como ressalta Hewitt (2007), os blogueiros escrevem para deixar sua marca e convencer seus leitores, isso significa que os mesmos acreditam no potencial dos blogs para alcançar o público e que este público também acredita que esse gênero textual emergente das telas pode lhe trazer o almejado reconhecimento.

A internet, segundo Veen e Wracking, oportunizou o surgimento de um novo modo de buscar informações e conhecimentos. Isso cada vez mais deixa de ser feito solitariamente e passa a ser construído conjuntamente em um suporte capaz de interligar as pessoas, caso do computador e dos novos suportes digitais que surgem a cada dia como celulares, *smartphones*, entre outros. Assim, antes de ler um enorme manual de instruções, buscar notícias no jornal, ou esperar algum programa de televisão específico para saber a repercussão de algum assunto, as pessoas têm a opção de buscar tudo isso nos ambientes virtuais, inclusive nos blogs, espaços fomentados pelo nítido gosto do Homo Zappiens em compartilhar conhecimentos.

A mútua divulgação tanto de conteúdo quanto de links entre os blogueiros expande consideravelmente o número de pessoas envolvidas em torno de uma questão. Além disso, embora todas as atividades desenvolvidas sejam mediadas por máquina, não se pode esquecer de que por detrás das telas existem sujeitos ativos também longe dos espaços virtuais, os quais levam as discussões e os assuntos discutidos na blogosfera às demais pessoas com que se relacionam.

Um caso que mostra a importância e o potencial dos blogs é o da cubana Yoani Sánchez que, em 2009, atraiu os olhos do mundo todo para seu blog “Generación Y”, no qual relata a forma de vida existente em Cuba, denunciando com isso os excessos do regime comunista que, entre outras coisas, limita o acesso a internet e, principalmente, a liberdade de expressão. O blog, ainda em atividade e recebendo em média mais de mil comentários diariamente, foi notícia por vários dias na imprensa internacional e deflagrou por muitos lugares discussões e reflexões sobre a questão que se tornou recorrente em muitos outros espaços virtuais. Hugh Hewitt, em sua obra “Blog: entenda a revolução que vai mudar o seu mundo” (2007), ressalta que os blogs possuem essa capacidade de “infestar”, ou seja, de espalhar notícias e envolver pessoas ao redor de um assunto tornando-o amplamente debatido dentro e fora da rede.

Tal poder de divulgação e de disseminação pode manifestar-se em vários segmentos bastando, para isso, que haja pessoas dispostas a escrever sobre o assunto e divulgar o mesmo. A literatura, por exemplo, já está na blogosfera, conforme se verá a seguir, embora pareça que

a crítica especializada ainda não a reconheça como tal em muitos casos. Há, em toda a rede, um grande número de blogs que publicam textos literários escritos originalmente para a blogosfera e que guardam, além das características que lhes fazem ser literários, todo o potencial de seus os pontos de encantamento. A fusão dessas duas características dá forma aos Blogs Literários.

3 BLOG LITERÁRIO: PRÁTICA ARTÍSTICA DE LEITURA E ESCRITA

Blog literário, em linhas gerais, corresponde a blogs cujos conteúdos das postagens, de autoria ou não do blogueiro, podem ser considerados literatura. Entretanto, tal definição não é suficiente visto que depende de um maior detalhamento que possibilite identificar quais características tornam um texto efetivamente literário nesse espaço digital. Porém, se a tarefa de conceituar o literário já se mostra imprecisa mesmo em relação às tradicionais obras impressas nos quais intervém sobre a definição as opiniões contraditórias de diferentes teorias, épocas e mesmo da subjetividade de quem a julga, a conceituação pode tornar-se ainda mais variável quando, nos blogs, por exemplo, a arte literária ganha traços específicos do meio em que é publicada, como as particularidades dos pontos de encantamento que podem inculcar nos textos novas formas de literariedade.

Carlos Reis (2001), que avalia as características da linguagem literária nos moldes tradicionais, explica que as primeiras definições acerca do assunto referem-se à forma como as palavras são empregadas, observando critérios estéticos que a diferem das linguagens cotidianas. Segundo o autor, para a linha literária do formalismo russo, que vigorou nas primeiras décadas do século XX e teve como principal expoente Jakobson, a arte literária prescinde de uma linguagem elevada, marcada por rebuscamentos e arranjos estéticos. Decorre das concepções dessa corrente um cuidado que, conforme Reis (2001), é inerente aos sujeitos que buscam produzir uma escrita literária. Em geral, tais sujeitos sabem que a literariedade de um texto depende de uma especificidade linguística que diferencie sua escrita de outras, cujas intenções não são literárias e, para tanto, buscam assumir “uma atitude diversa da de outros sujeitos quando enunciam outras linguagens” (REIS, 2001, p. 105).

Linhas de pesquisa surgidas mais recentemente, entretanto, somam às características linguísticas da obra literária, também a expressividade dos textos, bem como a receptividade do público aos mesmos, o que pode ser variável em determinados contextos. Reis (2001), nesse sentido, explica que o conceito que determina a literariedade de um texto pode estar associado também à arte literária como uma instituição formada por grupos acadêmicos, pesquisadores e autoridades do meio literário, o que justifica, como já tratado anteriormente, as divergências existentes em tal julgamento.

De qualquer forma, já não se pode negar que há movimentações com pretensões literárias sendo desenvolvidas na blogosfera. Analisar a pertinência e a qualidade das mesmas enquanto arte literária é o próximo passo desta investigação. Tal análise terá como base fundamental os pressupostos teóricos relativos à conceituação de linguagem literária e texto literário apresentados por Carlos Reis os quais serão, em um segundo momento, equiparados às publicações de três blogs de distintos autores e estilos, com vistas a compreender a possível literariedade dos textos neles contidos.

Reis (2001) afirma, em princípio, que a conceituação de uma obra como pertencente à Literatura está associada a três aspectos: um de dimensões socioculturais – que compreende o reconhecimento social alcançado pelo texto como sendo uma obra artística e de relevância cultural em determinada sociedade; outro de dimensão histórica – referente ao papel de determinada obra no sentido de registrar ou testemunhar as marcas da época ou do povo ao qual é contemporânea; e, por fim, a dimensão estética – medida de acordo com as particularidades linguísticas da obra.

Partindo das concepções do autor, os blogs, entretanto, não podem ser considerados obras literárias, uma vez que não possuem todos esses aspectos levantados por Reis. Apesar de serem um fenômeno de escrita, de agregação de sujeitos e até mesmo de possuírem algum reconhecimento de sua importância na sociedade contemporânea, ainda não se pode afirmar que os blogs tenham valor como obra artística e cultural, pelo menos não perante as instituições que costumam atribuir tal *status* como as academias, os estudiosos das variadas formas de arte, críticos especializados e outros. Da mesma forma, não se pode afirmar que os blogs sejam registros históricos da sociedade, apesar de seu formato e sua dinâmica serem reflexos das transformações ocorridas na sociedade após o advento das tecnologias. Isso não acontece, principalmente, devido a dois fatores: o recente surgimento dos blogs e sua efemeridade.

Por se tratarem, ainda, de uma novidade, só agora começam a surgir estudos e pesquisas com vistas a compreender melhor a importância dos blogs no meio literário, de

modo que ainda não há uma validação artística e cultural dos mesmos, condição que, talvez, se efetive futuramente. Além disso, os blogs, com a mesma facilidade que são criados, podem ser abandonados ou tirados do ar, de modo que avaliar a dimensão histórica desses espaços, como propõe Reis em relação às obras literárias, torna-se uma tarefa difícil.

Já a dimensão estética, que avalia a elaboração da linguagem utilizada, se literária ou não, esta pode sim ser avaliada, visto que os blogs são, antes de qualquer outra coisa, espaços textuais. A falta das outras duas dimensões não permite que os blogs sejam considerados obras literárias – no sentido de serem social e institucionalmente reconhecidas – o que não impede, entretanto, que os textos publicados nesses espaços possam ser considerados literários. Para se avaliar a possível literariedade destes é preciso inicialmente conhecer as características do discurso literário e de seus textos e, posteriormente, verificar de que forma as mesmas estão presentes no ambiente dos blogs, se estão. Para tanto, segue abaixo, um levantamento dos principais aspectos da escrita literária, de acordo com as convicções do crítico literário Carlos Reis e, no item seguinte, apresenta-se a análise de três blogs nos quais se buscará encontrar tais aspectos.

3.1 Características do texto literário

Reis (2001) explica que a linguagem utilizada nos textos literários distingue-se das demais especialmente porque faz parte de um jogo discursivo, cuja principal pretensão é a de imitar um ato discursivo real, no qual o leitor é convidado a participar com a consciência de que está diante de um texto não comunicativo, mas ilusório e com finalidades estéticas. Isso significa dizer que o leitor necessita estar “disposto” a participar do jogo, ele deve estar previamente preparado para defrontar-se com uma linguagem que poderá conter estruturas e significados incomuns que precisarão ser re-significados dentro do novo contexto (textual) em que estão inseridos.

A construção desse discurso original que cumpre dentro do texto uma função estética acontece por meio da utilização de propriedades como as metáforas, a rima, a conotação, os versos, em casos mais esporádicos a desobediência às normas de pontuação e parágrafo – como nas obras de Saramago – tudo isso para alcançar um efeito muito particular da linguagem literária: a ambiguidade. Ela é que constroi a emoção do jogo discursivo desse tipo de texto ao desafiar o leitor a desvendar os enigmas por detrás de suas palavras.

A linguagem literária, conforme esclarece Reis (2001), por compreender essencialmente um discurso verbal, sofre as interferências da polissemia, ou seja, a capacidade de os vocábulos possuírem significados variáveis em determinados contextos e situações de uso. Porém, ao contrário do que acontece com os textos de pretensões informativas ou comunicacionais, essa característica não é evitada, mas sim promovida. A literatura busca justamente na capacidade polissêmica das palavras, os recursos para criar uma linguagem original que, para Reis (2001, p. 126), é “um desafio à capacidade do leitor para aprender, no discurso literário, efeitos surpreendentes e sentidos múltiplos”.

O sujeito, quando lê um texto literário, busca nele o diferencial de uma escrita que, por não se tratar de uma escrita utilitária, desvia-se da linguagem cotidiana e projeta em suas linhas significados desautomatizados capazes de provocar nele uma sensação de estranhamento frente ao texto, associada, ainda, às demais emoções muitas vezes suscitada em tais leituras.

Esses significados que se encontram deslocados necessitam da participação real daqueles que os leem para que se efetivem verdadeiramente. Isso acontece em razão de que o sentido do texto só se completa após o leitor perceber e compreender as ambiguidades, atribuindo-lhes sentido. Para Barthes (apud Reis 2001), estas são as lacunas do texto, ou seja, espaços a serem preenchidos pela leitura e pela percepção do sujeito que lhe completará. Do ponto de vista dos adeptos ao formalismo e às linhas mais tradicionais de análise literária, o preenchimento desses sentidos depende da descoberta de valores por parte de quem lê, ou seja, o leitor deve encontrar os sentidos escolhidos pelo autor. Já de acordo com as novas linhas de pesquisa baseadas na receptividade dos textos, como a Estética da Recepção proposta por Jauss e Iser, o sentido do texto literário pode ser encontrado mediante as escolhas que o leitor faz de acordo com sua própria visão de mundo. Quando nessa concepção, o termo a ser usado ao invés de ambiguidade deve ser “indeterminação”. Reis (2001, p.129) explica a diferença entre os termos da seguinte forma “Do ponto de vista da ambiguidade, os sentidos convivem pluralmente no discurso literário, no ponto de vista da indeterminação, cabe ao leitor concretizar através da leitura, sentidos possíveis”.

Independente das denominações usadas pelos teóricos e das variações de interpretação sobre o assunto, fica claro o caráter subjetivo da escrita literária, condição que, em primeira instância, lhe difere das demais. O texto literário não possui preocupação em comunicar algo com precisão e clareza, mas apenas significar, insinuar e sugerir, enfim, combinar os signos de maneira criativa e incomum com intenção de, assim, despertar no leitor o estranhamento, anteriormente referido. O discurso literário deve, antes de mais nada, surpreender aquele que

lê. Os arranjos linguísticos literários podem, muitas vezes, nem conter termos de uma linguagem elevada, rebuscada, pois é, principalmente, a maneira distinta com que termos comuns são empregados que produzem o efeito estético característico da linguagem utilizada nestes textos.

Reis (2001) explica, ainda, que os elementos extratextuais como o reconhecimento de uma obra no meio acadêmico das letras, ou mesmo a disposição diferenciada de um texto na página – caso dos poemas – também influenciam nessa descoberta dos sentidos do texto literário. No caso dos impressos, a influência desses fatores é ainda maior, visto que a “literariedade” das obras é vendida como produto juntamente com o livro. Qualquer texto, antes de ser publicado, passa pelo crivo de revisores, aprovação editorial, opinião de especialistas e, ainda, em muitos casos, um destaque midiático que determina a essência do texto a ser lançado, se literário ou não. O leitor, ciente de tal condição, assume uma postura receptiva às peculiaridades que encontrará no decorrer de sua leitura, e estará atento a função conotativa e, portanto, repleta de desvios daquele texto que poderá levá-lo por distintos caminhos interpretativos, os quais, na maioria dos casos, sequer serão os mais óbvios. No caso do texto virtual e dos blogs, em especial, tal *status*, quando existe, é originado da opinião direta dos leitores que assim o consideram, ou do autor que assim se autointitula.

Ampliando a discussão para o âmbito do texto literário e não mais apenas das peculiaridades da linguagem e de fatores externos, Reis (2001) apresenta para o mesmo a seguinte definição:

O texto literário configura um universo de natureza **ficcional**, com dimensão e índice de particularização muito variáveis; ao mesmo tempo, ele evidencia uma considerável **coerência**, tanto do ponto de vista semântico como do ponto de vista técnico-compositivo; o texto literário deve ser entendido também como entidade **pluristratificada**, ou seja, constituída por diversos níveis de expressão; por último, considerar-se-á ainda que o texto literário compreende uma dimensão virtualmente **intertextual**, na medida em que é possível relacioná-lo com outros textos que com ele dialogam e nele se projectam [sic]. (2001, p.169)

Percebe-se pela definição do autor acima apresentada, a presença de quatro características do texto literário, as quais passarão a ser vistas mais detalhadamente a seguir: natureza ficcional, coerência, entidade pluristratificada e intertextualidade.

Partindo-se da característica, em geral, mais lembrada, inclusive por leigos, quando se busca distinguir um texto literário dos demais, a natureza ficcional da obra refere-se à criação, segundo denominação de Reis (2001) de um quase-mundo imaginário formado por meio de

um discurso textual escrito, ou, ainda, “pode ser relacionada, mesmo do ponto de vista etimológico, com o conceito de fingimento” (REIS, 2001, p. 170). Porém, a noção de fingimento utilizada pelo autor não está associada a interpretação negativa do termo, mas sim a noção de um fingimento estético, ou seja de recriação verbal de um “mundo possível” (REIS, 2001, p. 172), mas irreal, mesmo quando inspirado em um fato acontecido, visto que sua existência só se efetiva no imaginário do leitor. Carlos Ceia (2005), nesse sentido, destaca que a ideia de ficcionalidade não significa, necessariamente, a criação de universos irreais e mágicos, ou seja, “não depende da realidade ou da irrealidade do objecto [sic] representado mas do simples factio [sic] de o texto ficcional ser uma forma de representação-encenação do mundo”.

A ficcionalidade dos textos, porém, deve estar fundamentada na condição de uma característica reconhecida desde Aristóteles, a verossimilhança, ou seja, a capacidade do texto literário de assemelhar-se à realidade e criar a sensação de que poderia ser verdade. A verossimilhança pode resolver-se, também, conforme Reis (2001), por via da “metáfora, da alegoria, do fantástico, da caricatura, da deformação desrealizante, etc., etc.”, condição que permite que ela aconteça não apenas nos textos narrativos, mas também nos textos poéticos quando a mesma, então – entendida aí como dicção – assume a forma codificada dos recursos estilísticos próprios da escrita poética.

Como já dito, a intenção da escrita literária não é comunicar, mas sim a de representar o inexplorado da alma humana, ou talvez o cotidiano por meio de um novo enfoque. No caso da poesia, a ficcionalidade pode não possuir uma narrativa na qual se torna mais simples compreender a simulação proposta pelo escritor, sua natureza mais subjetiva, em geral apenas sugere situações, sentimentos e até mesmo sensações de forma menos explícita e menos completa que na prosa. Sua estrutura formada por versos e não por frases pode ser até mesmo um encadeamento de palavras que produzem sentidos ao reunirem um conjunto de ideias dispersas ou, ainda, pela sua sonoridade. O sentido de tais obras acontece, entretanto, assim como nas narrativas, em virtude do segundo elemento avaliado por Reis como pertencente aos textos literários: a coerência.

Embora o texto literário goze de maior liberdade para suas construções textuais podendo alterar regras formalmente estabelecidas de escrita e podendo, ainda, construir mundos imaginários sem nenhum compromisso em ser fiel a qualquer acontecimento real, ele não pode apresentar uma construção aleatória desprovida de sentidos. Internamente ele deve possuir uma lógica e estar estruturado de modo que possa ser compreendido. Para Reis (2001, p. 174) a coerência pode ser alcançada “em primeira instância por mecanismos de natureza

linguística” que diz respeito às condições mais evidentes de lógica na formação das frases, no uso dos vocábulos, bem como na lógica dos sentidos. Mas ela pode ser assegurada, ainda através de procedimentos como “anáforas, constituição de isotopias, reiteração de referências, até mesmo o cumprimento de normas estilísticas de métrica, de gênero literário, etc., etc.” (REIS, 2001, p. 175). A existência dessa lógica interna entre os elementos permite que haja no texto literário uma “coerência textual global” que norteia o sentido da obra e permite que o leitor possa ensaiar sua intervenção interpretativa na obra de forma mais ou menos lógica.

Já a pluristratificação, terceira característica apontada por Reis a partir da proposta apresentada por Roman Ingarden, pressupõe que um texto literário é composto por quatro níveis interpretativos entendidos como estratos. São eles: o estrato fônico-linguístico, referente aos sentidos produzidos pela sonoridade das letras, sílabas e vocábulos utilizados; o estrato das unidades de significação, que trata dos aspectos semânticos dos textos revelados por meio da escolha dos vocábulos e das figuras de linguagem que permitiram a identificação dos “significados mais elementares e imediatos” (REIS, 2001, p. 179); estrato das objetividades apresentadas, que analisa as unidades temáticas do texto, e pode compreender os personagens, as ações, as temáticas, o fantástico, os mitos, entre outros “objetos” que possam estar representados no texto; e, por último, o estrato dos aspectos esquematizados que compreende o resultado significativo produzido através da reunião dos demais estratos no sentido de produzir o “sentido maior do texto”.

Em outras palavras, pode-se afirmar que a pluristratificação do texto literário é a capacidade de o mesmo valer-se de todos os elementos possíveis, mesmo as menores unidades – como é o caso, por exemplo, da sonoridade obtida com a repetição de uma letra – para articular um texto original e repleto de elementos produtores de sentidos inusitados.

Vale ressaltar, ainda, que todos estes estratos estão relacionados entre si e, apesar de serem vistos e analisados de forma separada, no texto eles encontram-se entrelaçados de tal forma que não se pode privilegiar o funcionamento de um em detrimento de outro. Da mesma forma, por vezes, nem todos os estratos possuem a mesma ênfase dentro de um texto. Na prosa, por exemplo, a significação do estrato fônico linguístico não tem a mesma importância que na poesia. Há, ainda, momentos em que nem mesmo é possível definir com clareza quais elementos textuais pertencem a determinado estrato, visto que uma mesma palavra, por exemplo, pode ser usada como provocadora de sentidos em estratos distintos e mesmo como articuladora da coerência textual anteriormente vista.

O quarto aspecto característico do texto literário, segundo observação de Reis (2001), trata-se da intertextualidade, ou seja, a capacidade dos textos literários dialogarem com outros